



LETRAS
LISBOA

As Festas de Lisboa: indução da Tradição

Rui Jorge Fernandes Pinto de Almeida

Doutorando em Ciências da Cultura e Comunicação,

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ensaio escrito no âmbito do Seminário de Cultura e Comunicação Cidades, Património,

Criatividade, lecionado pela Professora Doutora Teresa Malafaia

Índice

Introdução	3
As festas e romarias.....	4
O arraial.....	6
O culto de Santo António	8
As celebrações religiosas e profanas	8
A simbologia de Santo António: a religiosa e a profana	9
O simbolismo religioso – os símbolos.....	11
O simbolismo religioso - ícones	12
O simbolismo religioso - índices	12
O simbolismo profano.....	12
O Estado Novo	14
As Festas da Cidade após o decreto 19.860 de 8 de junho de 1931	17
A comensalidade	21
A Sardinha	25
A Sardinha como símbolo da Festa.....	26
Conclusão	30
Bibliografia	31
Outros textos.....	31
Filmografia	31
Lista de Anexos	33
Recortes do Diário de Lisboa	34
Fotografias	55

Nota prévia: este ensaio cumpre as regras do Acordo Ortográfico. No entanto, todas as transcrições respeitam os textos originais.

Introdução

Este ensaio pretende analisar a evolução das práticas da comensalidade durante os festejos dos Santos Populares, num país profundamente arreigado na tradição judaico-cristã, cujos ideais são fundadores da sua nacionalidade.

As tradições são objeto de mudança através da utilização. Iremos demonstrar a importância das romarias para o revisitar e reajustar da tradição, a que se associam os arraiais, acontecimentos que também juntam os membros da comunidade para a criação de elementos estruturantes que definem estes espaços.

Apresentaremos o impacto do culto do Santo António nas populações em geral e no caso concreto do bairro lisboeta de Alfama. Daqui, partiremos para as espontâneas festas populares lisboetas e a sua posterior instrumentalização política, que recria a tradição, usando os media para a consolidação desse propósito.

Finalmente, olharemos para os símbolos das festas dos Santos Populares e como têm sido alterados ao longo do tempo.

As festas e romarias

Entre maio e setembro, graças a dias solarengos e noites razoavelmente amenas, Portugal vive momentos festivos, na sua grande maioria dedicados a celebrações religiosas. Por todo o lado, em absoluta rutura com o quotidiano, desde a pequena aldeia até à capital, as ruas e praças são ocupadas pela população local e pelos muitos peregrinos e forasteiros que aí se deslocam para celebrar uma santidade, aproveitando uns para cumprir promessas, agradecer ou pedir graças ao santo, e outros para conviver com velhos familiares ou amigos, em suma, para concretizar uma troca de afetos na «sua» festa, sentida como a melhor e a mais bela da região, ou do país.

Contudo, este espaço de troca afetiva é, antes do mais, um espaço de troca comercial que remonta à Idade Média europeia. As romarias traduziam-se por grandes ajuntamentos de pessoas o que implicava uma abundante provisão de géneros exercendo uma poderosa atração sobre mercadores de qualquer produto, embora *o desejo de lucro não chegue para explicar certos comportamentos que podem observar-se ainda hoje, tanto entre vendedores como entre compradores das feiras de romarias*. (SANCHIS:1992, p. 145) Mas não se pense que sempre que há uma romaria esta promove a existência de grandes espaços para trocas comerciais.

Se certas romarias, Elvas, Aires, Amarante, Matosinhos, incluem uma verdadeira feira, por vezes das mais antigas e importantes da região, a maior parte é acompanhada por um fervilhar de centros de trocas, improvisados e geralmente modestos. (SANCHIS:1992, p. 145)

Mas é certo que entre o final da primavera e o início do outono, há *consideráveis deslocamentos demográficos, quer através dos meios populares e rurais como carroças, camiões, até grupos de caminhantes que invadem estradas e caminhos de regiões inteiras, quer por meios interurbanos e à escala nacional, com um regime especial de autocarros e comboios*. (SANCHIS:1992, p. 15)

As festas populares fazem-nos herdeiros de uma herança cultural que se transforma permanentemente, exaltando uma tradição que talvez tenha existido, criando-se uma ambiguidade de sentimentos, uma vez que nos afastámos dessa tradição impelidos pelo desenvolvimento.

O emigrado, seja jovem ou velho, residente em Lisboa ou em França, mesmo que há vários anos não ponha os pés na sua aldeia, tem sempre a “intenção” de lá ir para a próxima festa; e muitas vezes está disposto a organizar viagens colectivas (...). Só os jovens, sobretudo os que residem na aldeia, ou os estudantes que virtualmente fazem sempre parte da comunidade, são menos entusiastas.

Sobretudo quando os sentimos participar numa aspiração de mudança social, de transformação de uma vida “onde tudo adormece”. (SANCHIS:1992, p. 15)

Contudo, o desaparecimento de uma particularidade é, muitas vezes, substituída por outra, como é o caso dos grupos de acordeão ou de ranchos, que animavam com as suas modas antigas as festas populares, e que têm sido gradualmente substituídos por dispositivos que reproduzem músicas produzidas com alguma sofisticação tecnológica, debitadas através de potentes colunas de som nos adros e recintos festivos.

(...) uma tradição que não quer morrer aproveita-se de todas as brechas que se oferecem para insinuar um seu rebento, de todo o espaço ainda livre para germinar um botão. Desaparecimentos, transformações, tentativas de ressurreição ou de sobrevivência temporária, mas também novos nascimentos. O calendário das festas não assinala, ao longo dos anos, decrepitude, nem mesmo estaciona. Por uma que desaparece, reforçam-se dez, e quantas novas festas surgem um pouco por toda a parte! (...) E se desaparecerem algumas particularidades, criam-se outras e estabelece-se uma nova diversificação. (SANCHIS:1992, p. 16)

A romaria é assim vivida como festa, mas é uma festa *característica de uma sociedade – essencialmente rural – estruturalmente marcada pela presença e dominação do sagrado*. (SANCHIS:1992, p. 140) Esta festa especial está ligada a lugares concretos e bem definidos, cujos rituais revisitados em cada ciclo ecoam do passado a sua continuidade no presente.

(...) no entanto, quanto às festas de romaria é preciso notar uma dupla constante: tendem a situar o sagrado, à volta do qual se organizam, num local tradicionalmente fixado e situado no exterior do espaço normalmente habitado. É deste lugar que elas se apoderam, é ele que vão transformar.

Então, à volta do santuário, polimorfo conforme a configuração do terreno, a riqueza da comunidade ou da confraria, o peso relativo da tradição e também das modas sucessivas, aparece o arraial. (SANCHIS:1992, p. 140)

O arraial

O dicionário Universal de Língua Portuguesa da Texto Editora diz-nos que a palavra «arraial» pode ter duas definições que, de certa forma, são antagónicas: 1) *acampamento de tropas* e 2) *aglomeração festiva, com música, foguetes, comida, barracas, iluminações, descantes, danças, fogo de artifício e etc.*

O «arraial» tanto é um espaço ocupado pela ordem e disciplina, pelos rigores da hierarquia e dos seus rituais, pela contenção da liberdade individual, pelo adestramento do espírito e do movimento, como é o lugar para a diversão, para o ruído e para a liberdade individual.

Símbolo priverligiado da festa popular e singularmente da festa de romaria, o arraial é o prado, o campo plantado de árvores, o entroncamento de caminhos, a avenida ou a praça que a festa anexou; é também o ajuntamento que aí se forma, a densidade social que aí se cria, o povo que aí se comprime, o “nós” gratuito que aí se instala; é, enfim, o conjunto de actividades que aí se desenrolam. (SANCHIS:1992, p. 142)

Contudo, o território do arraial é sempre modificado temporariamente. Nos espaços livres em campo aberto ou nas cidades - onde o tecido urbano se foi gradualmente estendendo aos arrabaldes aglutinando os locais de culto - há a necessidade de os redefinir através da construção de arcos multicoloridos e iluminados que ornamentam e delimitam as entradas do arraial.

Em todo o caso, a ornamentação será feita pelo trabalho comum das famílias que ali residem, durante semanas, de forma gratuita, reconstituindo a tradição do trabalho coletivo da desfolhada do milho, ou do uso do pastoreio “à guarda”. Mais adiante, desenvolver-se-ão, com mais pormenor, os aspetos da preparação do arraial de Santo António, em Alfama, ficando por agora com o testemunho de Henrique Pato, nascido em 1932, no Largo do Salvador, neste bairro lisboeta, e que foi recolhido no dia 29 de dezembro de 2015.

Por exemplo, ajudei a fazer [os festões] aos mais velhos - o meu padrinho, os meus tios, primos e a família. Aqui no largo era tudo gente antiga e todos ajudavam.

Contudo, na atualidade, estas preparações ficam, na maior parte das vezes, a cargo de empresas especializadas que criam – muitas vezes em exclusivo -, montam e desmontam todos os equipamentos necessários à festa.

As Festas de Lisboa: a indução da Tradição

Os arcos de triunfo, por exemplo, são estudados para permitir a sua desmontagem e nova utilização noutros lugares, e os materiais que compõem as grinaldas são escolhidos de maneira a poderem ser recuperados. Por isso é significativa da remanescência de uma antiga mentalidade – o prestígio procurado pela despesa ostentatória – (...) a comissão organizadora estipulava, por contrato, que a decoração seria exclusiva da sua festa, criada especialmente para ela e nunca mais utilizada. Não recuava perante um encargo financeiro mais pesado, antes se empenhava em que o brilho que transfiguraria o “seu” arraial desaparecesse com ele e não fosse em outro lugar repetido. (SANCHIS:1992, p. 144)

O culto de Santo António

Fernando Martins de Bulhões nasce em Lisboa, no final do século XII, nas proximidades da Sé, no seio de uma família da pequena nobreza, eventualmente, *ocupada em actividades comerciais e funções administrativas* (VENTURA:2004, p. 12). É com os cónegos da Sé de Lisboa que vence as barreiras do *Trivium – gramática, retórica e dialéctica – e do Quatrivium – aritmética, geometria, música e astronomia* - (VENTURA:2004, p. 21), realizando, posteriormente, estudos em Direito Canónico, Filosofia e Teologia, em Coimbra. Em 1220, Fernando crê que será mais útil como evangelizador e troca a Ordem de Santo Agostinho pela de São Francisco, adotando o nome de António. Viaja pelo norte de África e sul da Europa, preocupando-se com a pobreza e aliviando os que nela viviam, revelando dotes de oratória absolutamente extraordinários, interpelando os mais afortunados, atraindo multidões. Morre em Arcela, próximo de Pádua, a 13 de Junho de 1231 e é canonizado um ano mais tarde.

As celebrações religiosas e profanas

Durante muitos anos, a 15 de fevereiro e a 13 de junho, celebravam-se os dias de Santo António. No inverno, assinalava-se a data da trasladação do corpo do Santo para a catedral de Pádua (fotos pp 56 a 58), e no verão, o dia da sua morte. É esta última que perdurará com as suas cerimónias religiosas, como as missas e procissão, às quais se juntam atividades profanas como as touradas no Terreiro do Paço, depois no Rossio e, finalmente, no Campo Pequeno. A primeira página da edição do Diário de Lisboa - DL, de 13 de junho de 1927 reporta a existência de uma tourada com a morte de dois touros. (anexo pág. 35)

Outras edições do mesmo jornal, relativas aos dias 11, 12 e 13 de junho, publicadas entre 1921 e 1930, anunciam vários festejos em locais privados, como o Bal Tamarin, o Maxim's ou o Pavilhão Português (anexo páginas 35 e 36) ou em locais públicos, como no mercado da Praça da Figueira, ou no Terreiro do Paço. Sobre este local, há a notícia de 13 de junho de 1933, sobre a decisão da Presidência da Comissão Administrativa Municipal de interromper os festejos devido às muitas *barracas impróprias do local*. (anexo pág. 36)



O Santo Antonio
no «Bal-Tabarin»

As noite de hoje e de amanhã no «Bal Tabarin» vão ser de grande alegria e de farta concorrência, já por que os numeros de variedades são dos melhores que têm vindo a Lisboa, já porque os seus salões são dos mais confortaveis.

Mary Medina, encantadora coupletista, eximia em cantos flamengos, está fazendo uma brilhante carreira, assim como Carmen Belmez, uma notavel bailarina, que o publico se não farta de aplaudir.

O «Bal-Tabarin» que está aberto toda a noite, serve ceias esplendidas e a preços baratissimos.

O baile, atendendo a que é noite de Santo Antonio, promete ser animadissimo.

Recorte da p. 3, edição do Diário de Lisboa de 12.06.1925.

Fonte: Arquivo do Diário de Lisboa, Fundação Mário Soares.

A simbologia de Santo António: a religiosa e a profana

Este ensaio coloca-nos perante manifestações de ordem cultural, *perante um processo que faz intervir agentes humanos, entrando-se no campo especificamente sógnico.*(RODRIGUES:2000, pp. 26 – 27)

A semiótica pode ser definida como teoria geral dos signos e dos sistemas de signos. Na atualidade, o conceito de signo está relacionado com duas diferentes concepções: a do linguista Ferdinand de Saussure e a do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce. De uma forma muito simplificada, a diferença básica entre as duas concepções é que para Saussure o conceito de signo é o do signo verbal – a palavra -, enquanto na concepção de Peirce é o do signo em geral, não importando a espécie – é qualquer coisa que representa alguma outra coisa para alguém. Opta-se neste ensaio pela abordagem de Charles Sandres Peirce.

Para este filósofo não há nada que esteja vedado ao nosso conhecimento, tudo é cognoscível, não há limites ao conhecimento humano, mesmo que exista o desconhecido. E como é que se conhece? Através dos signos, porque os signos são elementos mentais e através deles interpretamos os fenómenos, sendo portanto elementos fundamentais no processo cognitivo. A noção de fenómeno é central na reflexão do filósofo norte-americano.

Peirce propõe o termo grego *phaneron* e cria a *phaneroscopia*.

A *phaneroscopia* é a descrição do *phaneron*. Por *phaneron*, entendo a totalidade colectiva de tudo aquilo que, de certa maneira e em qualquer sentido que seja, está presente ao espírito, sem considerar de nenhuma maneira se isso corresponde a algo real ou não. Se me perguntarem: presente quando e ao espírito de quem, respondo que deixo essas questões sem resposta, nunca tendo tido a menor dúvida de que estes traços do *phaneron* que encontrei no meu espírito estejam presentes e desde sempre em todos os espíritos. (...) Aquilo a que dou o nome de *phaneroscopia* é este estudo que, apoiando-se na observação directa dos *phanerons* e generalizando as suas observações, distingue várias classes de *phanerons*, descreve as características de cada uma delas, mostra que, apesar de serem tão inextricavelmente misturadas que nenhuma delas seja isolável, é no entanto manifesto que os seus caracteres são completamente diferentes, em seguida prova que a totalidade destas grandes categorias de *phanerons* se resume numa lista muito pequena, e procede enfim à tarefa laboriosa e difícil de enumerar as principais subdivisões destas categorias. (RODRIGUES *apud* PEIRCE:2000, p. 102)

As classes de que Peirce nos fala estão baseadas em três elementos de lógica elementares que a nossa mente capta.

A estes três modos de ser dá Peirce o nome respectivamente de *firstness*, *secondness* e *thirdness*, o que poderíamos traduzir em português respectivamente por “primeiridade”, “segundidade” e “terceiridade”. Estas são assim as três categorias faneroscópicas que, para Peirce, dão conta de todas as ideias presentes no espírito. (RODRIGUES:2000, p. 103)

A primeiridade é associada a uma qualidade pura, algo que não se relaciona com qualquer outra coisa. A segundidade é da relação entre dois elementos, excluindo qualquer outra coisa. A terceiridade é a síntese entre elementos, a mediação entre elementos, ou lei que explica a relação entre elementos. São formas lógicas de a nossa mente compreender as coisas.

Estas três categorias constituem os quadros puros, meramente formais, do pensamento, independentes portanto de considerações psicológicas, dotados portanto de uma existência prévia à sua vivência intencional pelo sujeito. (RODRIGUES:2000, p. 103)

A divisão e classificação dos signos elaborada por Peirce vai basear-se nas categorias faneroscópicas. Qualquer signo é, antes de mais, *uma relação triádica com um representamen ou veículo do signo* – aquilo que se apresenta aos nossos sentidos -, *com um objecto* – a coisa representada - *e com um interpretante* – um outro signo originado na mente. *Pelo facto de o signo ser fundamentalmente um processo de semiose ou uma tríplice relação entre as categorias que o constituem, é um engendramento contínuo, dando assim origem a classes de signos.* (RODRIGUES: 2000, p. 109) A classificação mais importante do signo peirciano é a que o divide em três tricotomias e dez classes.

A primeira tricotomia toma o signo em si mesmo, a segunda tricotomia do signo toma como perspectiva o tipo de relação que este estabelece com o seu objeto e a terceira tricotomia do signo considera a relação que este estabelece com o seu interpretante. Interessa, para este ensaio, explicar a segunda tricotomia.

A relação que o signo estabelece com o seu objeto gera um índice, um ícone ou um símbolo. Vejamos estes conceitos.

- **Ícone:** (primeiridade). Ele é semelhante ao Objeto, ou invoca-o através de uma semelhança. Pode representar qualquer objeto, nomeadamente os do foro imaginário, não tendo de ser uma imagem. Podem ser ícones as imagens, as fotografias, mas também os mapas, os diagramas e as metáforas, que apresentam uma semelhança estrutural com o que significam;

- **Índice:** (secundidade) – é o signo que depende da ação do ícone. Há uma relação de continuidade e contiguidade com o Objeto. É concreto, fatural, existente e singular. É o facto da sua ligação directa com o objecto que o caracteriza como índice, e não os traços de semelhança. Deícticos, o gesto de apontar, um cata-vento, nomes próprios, sintomas, são tudo exemplos de índices;
- **Símbolo:** (terceiridade) – é um signo que representa o seu Objeto através de uma associação de ideias de carácter geral. O objeto do símbolo é também geral. São símbolos todos os nomes da linguagem, uma bandeira de um país, o crescente ou a cruz simbolizando o Islão ou o Cristianismo, etc.

O culto de Santo António está repleto de ícones, índices e símbolos, uns de ordem religiosa, outros de origem profana e que, por esse motivo, sofrem transformações. Observemos os de ordem religiosa.

O simbolismo religioso – os símbolos

Livro

Representa a fé, a sabedoria e o conhecimento das Escrituras.

Menino Jesus

O amor a Deus Menino, mas igualmente o amor por todas as crianças e por todas as famílias. Ao Santo Doutor representado no Livro, junta-se o Santo Popular.

Alforge

Símbolo da mendicância própria dos franciscanos, que aqui juntavam as ofertas recebidas para as partilhar com os pobres, doentes e confrades, sem nada guardar para o dia seguinte.

Lírio ou açucena

A flor branca, representando a pureza e a castidade.



Stephan Kessler. *Santo António com o Menino Jesus*.
Cerca de 1650/1660

Fonte:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Kessler_Antonius_von_Padua.jpg

O simbolismo religioso - ícones

Tronos

A acompanhar estas festas oficiais, decorriam nos bairros lisboetas demonstrações espontâneas de afeto para com o Santo, erguendo-se em sua honra numerosos tronos ornados com flores e longos pavios em redor da imagem do Padroeiro de Lisboa.

Muitas crianças passavam algumas manhãs ou tardes na angariação de «um tostãozinho pró Santo António», para comprar cera para os tronos ou para a aquisição de fogo-de-artifício.



Joshua Benoliel, 1912. *Trono de Santo António*.
Fonte: Arq. Fotográfico Municipal. PT/AMLSB/JBN/001072

O simbolismo religioso - índices

Os milagres

São vários os milagres atribuídos ao Santo. Por isso, é padroeiro de Portugal e da cidade de Lisboa, de barqueiros, naufragos e marinheiros, de pescadores e agricultores, de feirantes e animais, dos cavalos e burros, dos viajantes, dos pobres e oprimidos, das solteiras, grávidas e estéreis, dos namorados e do casamento, protetor dos lares e das famílias, da pureza e virgindade, advogado das almas, do purgatório, invocado para encontrar objetos perdidos e pessoas desaparecidas, ou a encontrar emprego e auxiliar nos problemas financeiros.

Encontra-se assim fundamento para que as celebrações dedicadas ao Santo se tornassem tão importantes e populares nas diversas localidades de Portugal, com especial relevo para a cidade de Lisboa, a sua terra natal, a ponto de acabarem *por ser toleradas mesmo durante os anos de mais acirrado anticlericalismo republicano*. (VENTURA:2004, p. 164) O clero manteve a celebração da missa na igreja de Santo António e a procissão dedicada ao padroeiro de Lisboa, que continua a iniciar-se junto à Sé Patriarcal e que passa pelas antigas freguesias da Sé, São Miguel, St. Estêvão, S. Vicente, Santa Cruz do Castelo e São Tiago. Ao longo do trajeto, desde que há registos fotográficos, milhares de janelas enfeitam-se com flores, colchas e imagens do Santo. (fotos pp. 59 e 60).

O simbolismo profano

A parte profana das celebrações de Santo António é vasta e tem estendido a sua importância ao longo dos anos. Entre outras práticas, destacam-se quatro: a fogueira de Santo António; a queima

da alcachofra; o manjerico com cravo de papel e quadra, a sardinha assada e as marchas populares. As duas primeiras caíram em desuso mas estão ainda bastante presentes na memória das pessoas. Analisemos cada um destes elementos.

A fogueira de Santo António remete para rituais de purificação pelo fogo. A *pureza* uma primeiridade, uma qualidade portanto, tem no fogo a relação de continuidade e contiguidade, porque o fogo é concreto e factual. O fogo é um índice da *pureza*, é uma segundeidade. O ato de passar por cima do fogo tem estabelecida uma associação de ideias de carácter geral que adquire um carácter simbólico. Ao chamuscar-se a flor de uma alcachofra pretendia verificar-se a viabilidade de um casamento. Queimando-se a alcachofra e enterrando-se num vaso que ficaria na noite de Santo António – ou de S. João, no Porto - ao relento, o casamento estaria garantido se a flor reflorescesse na manhã seguinte, o que indicava a manifestação da presença do Santo, ou seja, um índice. Santo António é conhecido por ser um Santo Casamenteiro – veja-se os casamentos coletivos de 12 de junho, na Sé Patriarcal. E isto constitui-se numa ideia de carácter geral. Assim, chamuscar ou queimar uma alcachofra na noite de Santo António tem a categoria de símbolo. O abandono gradual desta prática terá a ver com a expansão da cidade de Lisboa que foi perdendo terrenos baldios onde cresciam espontaneamente este tipo de plantas, tal como aconteceu com a apanha da espiga – símbolo da fertilidade - em maio de cada ano.

O manjerico com cravo de papel e quadra, a *erva dos namorados*, é uma oferta do namorado. Um outro símbolo do Santo António que é constituído por vários tipos e categorias de signos: palavra – que é um símbolo -, ícone – cravo - e índice – o cheiro característico da planta.

A sardinha assada é, de entre os cinco, o elemento simbólico mais recente, como adiante veremos e será tratado mais detalhadamente nesse momento.

Por último, as marchas populares que juntam o ser individual num corpo único, adestrado no movimento, no gesto e na palavra – canta-se em coro o refrão ou a letra completa da marcha -, simbolizando a unidade dos residentes de cada bairro.

À noite, os habitantes deslocavam-se pelas ruas do seu bairro à luz de archotes e lampiões, arcos e balões iluminados. Eram os embriões das Marchas Populares que seriam instituídas a partir de 1932 e crê-se que valerá a pena aprofundar, de seguida, as suas motivações.

O Estado Novo

O regime político que emerge da Ditadura Militar, imposta pelo movimento de 28 de maio de 1926, alavanca-se num sistema de valores que serão amplamente consolidados na sociedade portuguesa através das novas instituições criadas em 1933 e 1934.

Durante este intervalo de tempo, de seis ou sete anos, Salazar impôs-se a todos os outros atores políticos, ora comprometendo-se com eles, ora rejeitando-os, mas construindo ainda assim um equilíbrio que viabilizará o regime.

Longe, ao contrário do que se possa pensar, de um estreito monolitismo de seita ou de um restrito comprometimento de classe, o Estado Novo surge mais ecleticamente, como um laborioso compromisso entre interesses dominantes e conservadores até aí desavindos, divergentes e destituídos de uma operacionalidade comum que lhes permitisse o efectivo exercício do Poder. (ROSAS:1994, p. 292)

No plano económico e social, o salazarismo representa o conjunto das classes dominantes, e põe fim aos interesses contraditórios dos seus vários setores. A utopia do Estado corporativo persegue o progresso (possível) sem abandonar os valores tradicionais e atrasa o ritmo de desenvolvimento ou o exercício das liberdades fundamentais. Por isso, quando em meados da década de 50 do século XX se operam transformações significativas no modelo económico – assunto abordado mais adiante -, estas implicam a necessidade de conceder mais liberdades, o que dará início a uma lenta e profunda crise ao longo de toda a década de 60 a que a Revolução de Abril irá por termo.

Mas até finais dos anos 40, através de uma hábil gestão equilibrante e reequilibrante dos interesses que congrega face às diferentes conjunturas, o Estado Novo é, sem dúvida, um regime consensual para os diversos sectores conservadores e antidemocráticos, e para o conjunto das classes possidentes. É a “ordem nas ruas e nos espíritos”; o lucro fácil, sem concorrência nem agitação social; o “viver habitualmente”, segundo a ordem natural das coisas: “manda quem pode, obedece quem deve”. (ROSAS:1994, p. 292)

Esta fórmula simples de organizar a sociedade tem um objetivo: clarificar a legitimidade de quem manda e facilitar esse direito, ao mesmo tempo que anula e ilegitima a vontade de resistir, justificando o dever de obedecer. Assim, surgem discursos ideológicos que valem sobretudo pela função disciplinadora e não tanto pelas ideias novas que possam apresentar.

Nas comemorações do Ano X da Revolução Nacional, em 28 de maio de 1936, Salazar define «as verdades indiscutíveis» estabelecidas pela nova ordem:

Às almas dilaceradas pela dúvida e pelo negativismo do século procurámos restituir o conforto das grandes certezas. Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua história; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever. (Salazar, Braga, 28 de maio de 1936 – registo fonográfico do autor)

São estas bandeiras «Deus», «Pátria», «Autoridade», «Família» e «Trabalho», velhos estandartes dos discursos político-ideológicos das direitas autoritárias, que se transformam em dogmas do Estado Novo. Mas estas por si só não chegavam para presumir a adesão espontânea dos destinatários. Era necessário inculcá-los de forma organizada e imperativa.

Porque politicamente “o que parece é” (...) ou seja, politicamente “só existe o que se sabe que existe”, porque “a aparência vale pela realidade”, era indispensável encenar as grandes certezas e a sua tradução política, glosar os benefícios da sua concretização, impô-las nos espíritos de todos e de uma forma total: na família, nas escolas, nas aldeias, nas oficinas, no lazer, no quotidiano. Em suma era necessária a propaganda. Não deixada ao livre-arbítrio de cada um, mas como propaganda do Estado. Como “política do espírito”. (ROSAS:1994, p. 292)

Encontram-se assim estruturas que organizam os tempos livres dos trabalhadores como a Federação Nacional para a Alegria no Trabalho - FNAT, ou que doutrinam a juventude através da Mocidade Portuguesa, ou orientam as famílias através da Organização das Mães para a Educação Nacional, as casas do Povo ou dos Pescadores, ou ainda através dos sindicatos nacionais. E cada uma destas estruturas tem uma propaganda setorial própria, com o seu espetáculo próprio: boletins, paradas, excursões, missas, acampamentos, bodos aos pobres, etc.



António Ferro, à direita, na tomada de posse como primeiro diretor do SPN, em 26 de outubro de 1933.

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

PT/TT/SNI/ARQF/2

Definidas as grandes linhas propagandísticas do regime para a Cultura e para as Artes - através do Secretariado de Propaganda Nacional, SPN, cujo principal dirigente foi António Ferro - as quais recebiam o apoio dos Serviços de Censura que excluía todas as expressões criadoras que não estivessem em conformidade com a «política do espírito», Portugal nos anos 30 e 40 assistiu a um

grande espetáculo político-cultural: foram as grandes manifestações de apoio a Carmona e Salazar, os desfiles comemorativos e históricos, a Grande Exposição do Mundo Português e os congressos científicos que a acompanharam, as exposições coloniais, os pavilhões nas exposições internacionais, as encenações do fomento harmonioso, a evocação da grandeza do Império e dos seus heróis, a reconstrução da História do País - restaurada a partir do fio condutor do nacionalismo -, as paradas militares do Exército, da Legião e da Mocidade Portuguesa, e os desfiles navais no Tejo, as missas campais e as procissões solenes, as concentrações de Fátima, a bênção das tropas e dos edifícios públicos, o teatro e a ópera para o povo, as marchas populares, as comédias filmatográficas e os festejos dos santos padroeiros dos municípios portugueses.

A recordação de acontecimentos, comemorando-os, ressaltando situações marcadas pelo épico, no seio de um grupo mais amplo, no qual o colectivo local se enquadra, ou que conduziram ao martírio de alguns indivíduos entendidos como heróis, constitui não só a prova de que o triunfo de um ideário é possível, como um elogio da unidade que conduziu a tais alterações. (GODINHO:2000, p. 130)

As Festas da Cidade após o decreto 19.860 de 8 de junho de 1931

No dia 8 de junho de 1931, é publicado no Diário do Governo o decreto 19.860 que determina a criação do feriado obrigatório, assinalando-se assim o sétimo centenário da morte de Fernando Bulhão, *querendo o Governo associar-se a esta comemoração e permitir que em toda a nação possa ser festejada aquela data.* (anexo pág. 71), enquanto o Diário de Lisboa, na sua edição de 13 de junho, dá largas à decisão do governo porque vai ao encontro da *satisfação do povo português (...)* *saldando-se assim uma dívida de gratidão à memória do que foi uma eminente glória de Portugal.* (DL:13.06.31, p. 11) (anexo pág. 36)

Contudo, no ano seguinte, o dia 13 de junho é um dia normal de trabalho para todos, incluindo para aqueles que desfilaram pelos seus bairros no Parque Mayer e que *incluam cerca de 400 figuras – a quasi totalidade operarios, empregados comerciais, raparigas de «atelier» ou de oficinas, e que perderam a noite – foram trabalhar para as suas ocupações. Cantar e trabalhar – é o orgulho da mocidade do povo português.* (DL:13.06.1932, p. 7) (anexo pág. 36)

A consulta às edições do Diário de Lisboa, dos dias 11, 12 e 13 de junho, entre os anos de 1921 e 1984, dá-nos bem a ideia de como evoluíram as Festas da Cidade. Se até 1931, as notícias sobre os arraiais eram escassas, sem densidade, ocupando muitas vezes as páginas interiores, ou se mencionadas na primeira página ocupam não mais de duas colunas, como nas edições de 13 de junho de 1927 (anexo pág. 37), de 12 de junho de 1929 (anexo pág. 38) e de 13 de junho de 1931 (anexo pág. 39), somente na edição de 1932, do dia 12, é que a celebração ocupa toda a primeira página. (anexo pág. 40)

Daí em diante, todos os anos este jornal dedicará várias páginas aos festejos, quer mencionando os arraiais, quer escrevendo sobre o Concurso das Marchas ou sobre os cortejos históricos, pagos pelo erário público, através do Serviço de Propaganda Nacional, SPN, e organizados por Leitão de Barros, em 1934 e 1935. (anexo páginas 42 a 44)

No entanto, os arraiais não obtinham nenhum tipo de apoio financeiro por parte das autoridades camarárias ou do SPN. Eram os próprios moradores que se organizavam de modo a conseguir as verbas necessárias ao embelezamento da sua rua, beco ou largo.

Sobre este aspeto, retoma-se agora a entrevista a Henrique Pato, nascido em 1932.

E então aos domingos, a raparigada nova andava com a bandeira, a pedir para o baile. E a gente juntava aquele dinheiro, e o senhor António da tenda - o filho pertencia à comissão [organizadora] - ía lá abaixo ao senhor João do sabão, que era uma drogaria grande, na Rua de São Miguel, à entrada, e pedia-lhe se vendia o papel de seda, em resma. E escolhíamos o verde, amarelo, azul, encarnado, e depois íamos distribuir aqui pela vizinhança que queria fazer as coisas, e ficavam uns a fazer as franjas, outros os lacinhos, outros a fazer as argolas

e balões.(...) Os miúdos andavam ali com a gente a colar as franjas, para a gente colar no cordel - tínhamos um cordel do comprimento da grade - e eles íam trazendo o que estava colado, as raparigas estavam a colar, a minha mulher ou outra [estavam] a colar a base de cima para a gente colar as coisas, e elas lá davam aos miúdos e os miúdos íam ajudar.

Os enfeites faziam parte de uma teia que se tecia por todo o bairro, rua a rua, largo a largo, pelos diferentes moradores, relembra Henrique Pato.

E era só aqui o largo, nas outras ruas eram outras comissões e sociedades: a União, a Odicense, os Onze, o Corvense, o Ginásio, etc, etc. Eles enfeitavam a rua deles e vinha até à nossa rua, e depois estava todo o bairro enfeitado. Hoje não acontece isso.

A animação musical ficava a cargo de grupos de músicos que tocavam essencialmente instrumentos de sopro e precursão. É compreensível: as amplificações eletrónicas ainda não tinham sido inventadas, e as melodias tocadas pelos instrumentos de madeiras ou cordas dificilmente se fariam ouvir no meio da multidão. Em todo o caso, o cavalinho - cinco instrumentos: quatro de sopro e um de precursão - era a configuração mais adequada para a festa que juntava pessoas de diferentes proveniências, que não se limitavam a observar os enfeites em pé, como recorda Henrique Pato.

Vinha gente de todo o lado, estrangeirada, gente de todo o lado. E a gente tinha pão cortado em fatia e as carcaças para as iscas. Punham a sardinha em cima do pão, pediam um copo e íam com o copo para ali [ficavam em pé], bebiam e depois íam por o copo lá e íam-se embora, pagavam.

Noutros locais de Alfama o arraial era vivido de outra maneira. Em espaços confinados e apetrechados com mesas e cadeiras, os visitantes eram recebidos com outro conforto: havia mesas e cadeiras, talheres, pratos e canecas de barro. Os “retiros”, assim chamados, proporcionavam uma outra experiência. Maria Emília Carvalho, nascida no bairro, em 1946, peixeira de profissão desde os seus 11 anos, entrevistada no dia 29 de dezembro de 2015, testemunha esses momentos que se repetem nos dias de hoje.

Olhe, a minha mãe fazia o retiro, agora estão lá os meus filhos. A minha mãe depois não podia fazer, fiz eu. Eu agora também dei aos meus filhos, eles é que fazem. Era o “retiro”, antigamente era, e ainda é o nome dele, “o Retiro das

Tesas”, que é no Beco do Pocinho. (...) O ”retiro” é como no Santo António aqui em Alfama, são os larguinhos, as mesas, fica tudo muito bonito parece restaurantes, o mês todo do Santo António, e a gente vende a sardinha assada, vendemos as febras, vendemos chouriço e pronto. No tempo em que eu era miúda era à antiga: eram os jarros de barro, eram os pratinhos de barro, tinham florzinhas.

Contudo, num artigo publicado na página 4 da edição do Diário de Lisboa - DL, de 13 de junho de 1938, ficamos a saber que os arraiais bairristas foram proibidos.

Ouvi que o sr. Governador civil era de opinião que “deixassem o povo fazer os arraiais que quisesse”. Mas que foi vencido por algumas razões, e entre elas a defesa dos Festejos na Praça da Figueira, que têm carácter beneficente.

E assim, os festejos locais bairristas – sete ou oito em toda a cidade, para duzentos do meu tempo – apenas são consentidos sob a responsabilidade das Juntas de Freguesia. (DL:13.06.1938, p. 4) (anexo pág. 44)

A pesquisa efetuada para este ensaio às edições do Diário de Lisboa mostra-nos que as festas em nome de Santo António seguem duas vertentes, entre os anos de 1936 e 1948: a das Marchas Populares e a institucionalização dos arraiais, ou a sua celebração em locais privados de frequência pública. (anexo pág. 46) (fotos pp 61 e 62). Em 1944, é publicada uma crítica à forma como os festejos têm vindo a ser realizados, juntando a resignação e a esperança no mesmo texto.

Em Lisboa, presentemente, a noite véspera de Santo António é pouco bairrista. Os pátios e os becos não esqueceram, certamente, o Santo português, tão lisboeta como a Casa do Senado, que era de Santo António. Mas as cousas são assim. A noite de Santo António é a Praça de Figueira, agora a Feira Popular – e pouco mais. (DL:12.06.1944, p. 4), (anexo pág. 47)

O regresso dos arraiais bairristas dá-se em 1949. O Diário de Lisboa, na edição de 12 de junho desse ano, relata que *a população dos bairros mais típicos da capital deu-se a brios para engrinaldar as suas ruas para os bailes*. (DL:12.06.1949, pp 4-5) (pág. 48) A Câmara Municipal cria um concurso popular de tronos de Santo António que *animou extraordinariamente os bairros a que dizia respeito: Madragoa, Alfama, Mouraria e Bairro Alto, e redondezas*. (DL:13.06.1949, p. 6) (pág. 49) O êxito desta iniciativa tem continuidade no ano seguinte, 1950, quando *os santinhos populares puseram os bairros de Lisboa numa alegre exaltação. (...)E são também os tronos (...) à volta de uma centena deles – tronos lindos, decorativos, muito ingénuos como as mãos que os modelaram*. (DL:12.06.1950, p. 6), (anexo pág. 50); (fotos p. 63)

É a partir da década de 50 do século passado que se atribuem apoios financeiros às coletividades que organizam os arraiais, deixando ao critério destas o tipo de decoração e de animação que pretendiam criar, assim como a gestão das receitas que, eventualmente, obtinham. Não era raro que os lucros obtidos servissem para ajudar os mais necessitados do bairro, (fotos p. 64) num tempo em que o Estado não seguia uma política distributiva dos rendimentos. Henrique Pato diz-nos como era feita a distribuição dos lucros no Largo do Salvador e noutras ruas.

Depois no final disto tudo, desmanchavamos isto tudo, mandávamos vestir este ou aquele miúdo e a gente pagava com o dinheiro que se tinha feito. Vestíamos duas crianças, para auxiliar outras pessoas. E depois no final, fazíamos uma sardinhada aqui no largo, só para quem tinha participado, uma caracolada à tarde e era assim que nós íamos organizando os bailes.

Na atualidade, os arraiais dos Santos Populares continuam a ser organizados pelas coletividades de cada bairro, mediante a supervisão da Junta de Freguesia respetiva, da Câmara Municipal de Lisboa e da EGEAC – Empresa de Gestão e Animação Cultural, Empresa Municipal, recebendo da EGEAC um apoio total de cerca de 2.500€, após o resultado do concurso para este efeito.

Todos os anos são lançados concursos para a ocupação das vias públicas durante as Festas de Lisboa, com regras que definem sua localização dentro dos bairros populares e que tipos de equipamentos que podem comportar, assim como as condicionantes de utilização. Aos residentes nas zonas é-lhes dada prioridade nas inscrições da primeira fase. Todos os outros interessados só podem concorrer numa segunda fase. (anexo pág. 72)

A comensalidade

Feita a caracterização das festas religiosas, dos arraiais, do culto de Santo António, do Estado Novo, da organização da festa popular em cada bairro, importa agora perceber como evoluíram as práticas da comensalidade.

De um modo geral, a ideia do consumo de sardinha assada na noite de Santo António, servida em fatias de pão, acompanhada de um copo de vinho tinto, faz parte do imaginário coletivo lisboeta. Os dois testemunhos recolhidos, de Henrique Pato e Maria Emília Carvalho, referem a sardinha como elemento sempre presente durante as festas.

Contudo, a pesquisa feita no Diário de Lisboa só noticia o consumo de sardinha assada no ano de 1968, e o Arquivo Fotográfico de Lisboa só apresenta registos de arraiais com sardinha assada a partir de meados da década de 60 do século passado. (fotos pp 65 e 66)

Uma outra fonte de pesquisa usada para este ensaio foram os filmes produzidos nas décadas de 30 e 40, as comédias de Vasco Santana e António Silva, uma vez que estas produções cinematográficas, apoiadas pelo SPN, eram um precioso instrumento que ajudavam a consolidar a «cultura do espírito» falada anteriormente.

Em nenhum dos filmes analisados, que apresentam sequências que podem ser classificadas como arraiais -A Canção de Lisboa (1933); Maria Papoila (1937); O Pátio das Cantigas (1941); O Costa do Castelo (1943); A Menina da Rádio (1944) -, existem sardinhas como adereço, nem tão pouco se vislumbra o fumo da assadura – que seria um índice. Há sim, na generalidade dessas cenas, consumo de bebidas alcoólicas por parte dos homens, normalmente vinho ou ginjinha. Talvez por isso, ocorrem habitualmente cenas de pancadaria ou, pelo menos, de tensão, desafio e ameaça entre os protagonistas. No ano de 1933, no Parque Mayer, a noite de Santo António é celebrada com uma reconstituição levada cabo por *gente de Alfama (...) acompanhados do sol-e-dó característico (...) e, para se reconstituir a rigor simular-se-á o inevitável “Pé de vento”, a zaragata após uma provocação, que acabava em bem, após meia hora de balbúrdia.* (DL:12.06.1933, p.6) (pág. 51)

No filme Maria Papoila (1937) entre os 41’30’’ e os 41’40’’ menciona-se a sardinha, mas não se vê o seu consumo. Trata-se de um índice, portanto.

Alfama: um caso especial

A noite de Santo António, no entanto, deixou, há muito, de ser um exclusivo lisboeta. Os turistas aderiram. E de que maneira. Fazem honras ao tinto, á sardinha assada e misturam-se nos bailes populares. Alguns regressam no doce engano de que, por cá, é sempre assim. Alfama, então, é um caso especial. Os moradores fazem gala (e, ás vezes, negócio) em mostrar aos visitantes que a hospitalidade anunciada nos cartazes é uma reliquia tão preciosa como as pedras das suas ruas. O inglês e o francês circulam em torno dos coretos, onde as bandas improvisadas, com um toque de guitarra eléctrica (ou não), mandam para o ar arranjos muito seus dos ultimos êxitos do disco. Além disso, Alfama — ora vejam lá! — é chique na noite de Santo António e recebe de braços abertos os elegantes do Chiado.

Recorte da p. 15, edição do Diário de Lisboa de 12.06.1968.

Fonte: Arquivo do Diário de Lisboa, Fundação Mário Soares.

Rui Pinto de Almeida

A cena decorre no arraial de Santo António. Um magala dança com Rosa, uma criada de dentro numa casa lisboeta.

Magala

(galanteador)

Ai que bem que me cheira a Rosa!

Rosa

(afastando-o e impondo-lhe respeito)

A mim, só me cheira a sardinha assada...

E na película *O Pátio das Cantigas* (1941), entre os 46'20'' e 47' 36'', na cena em que Evaristo se vai declarar a Rosa, durante o arraial de Santo António, no Pátio, o diálogo é bem explícito quanto à oferta gastronómica:

Uma mesa apresenta indicação de «reservada». Narciso está a ajudar às mesas, quando chega Evaristo com um pacote na mão, embrulhado para oferta.

Narciso

(apontando para a mesa)

Ora, como vê, cá está reservada a mesinha para V.^a Exa...

Evaristo

(muito desdenhoso, olhando em redor)

Eu não estava para vir a esta porcaria..., mas a minha filha tanto me pediu, tanto me pediu, que eu anuí!...

Narciso

(olhando em redor e com ironia)

Anuíste, fizeste bem. Isto está muito bonito.

Evaristo

(sentando-se. Coloca o embrulho em cima da mesa)

Está bom, mas pouca conversa.

Narciso

(provocador)

Ó Evaristo, tens cá... tens cá... uns pastelinhos de bacalhau que estão de se lhe tirar a barretina...

Ó Evaristo, tens cá... tens cá um vinhão apalhetado que faz cócegas no céu da boca...

Evaristo

(incomodado e nervoso)

Está bom, mas deixe-me em paz que eu espero uma senhora.

Narciso

(continua a provocar. Mexe no embrulho)

As Festas de Lisboa: a indução da Tradição

Ena! É um embrulho todo giro!... Ó Evaristo, o que é isto?

Evaristo

(levanta-se, dá-lhe uma palmada na mão, retira o embrulho e coloca-o na cadeira)

Não mexa nisto que se pode partir...

Narciso

É para a dama?

Evaristo

(dando conta da chegada da Rosa)

Chiu! Afaste-se que ela aí vem...

Rosa

(cumprimentando Evaristo)

Ora, cá estou eu senhor Evaristo. Mas o que é que vocemecê me quer?

Evaristo

(indicando a cadeira)

Sente-se, Dona Rosa..., peça uma bebida aqui ao criado...

Rosa

(olhando para Narciso e admirada)

Ao criado?!...

Evaristo

(arrogante)

Peça o que quiser..., um pirolito, por exemplo, o que quiser...

Rosa

(para Narciso e desdenhando)

Ó senhor Narciso, traga-me um cálice de coisa nenhuma que eu estou com muita pressa...

Evaristo

(para Narciso e com soberba)

Para mim, traga-me um pirolito... ao natural...

Narciso

(gozando e cortando a deixa de Evaristo)

...mente

Então, o que se comia e bebia na generalidade? Há referências a pastéis de bacalhau, a *pratinhos de arroz doce às soleiras das portas e comes-e-bebes improvisados* (DL:13.06.1938, p. 4) (pág. 52) e alguma sardinha, sem dúvida. Em 1935, o Consórcio Português de Peixe decide distribuir gratuitamente sardinhas enlatadas durante os festejos do Santo António, na Feira do Terreiro do Paço, apontando para os benefícios da conserva da *especial sardinha sem pele nem espinha, própria*

para “Sandwichs” e outros acepipes. (DL:12.06.1935, p. 3) (pág. 53) Contudo, ela não é ainda a rainha da festa. Este lugar pertence ainda à alcachofra, como se explicou anteriormente, se considerarmos que o rei é o manjerico, o elemento com mais anos de presença consecutiva nas festas antoninas.

A Sardinha

Este peixe vive em cardume e reproduz-se ao longo de toda a costa portuguesa onde é, essencialmente, pescado através da técnica do cerco. Devido à abundância e proximidade, o seu preço era habitualmente baixo e, dessa forma, constituía uma boa possibilidade de aquisição de proteína para as famílias mais carenciadas. Maria Emília Carvalho recorda-se que *era vendida à dúzia, a 10 tostões a dúzia, e (...) [o] chicharro a coroa a escolher* (entrevista a Maria Emília Carvalho: 29.12.2015), ou seja, a sardinha era ainda mais barata do que o chicharro – dez tostões valiam duas coroas -, um outro peixe comercializado a baixo preço e de pouco valor gastronómico.

Será de esperar que, numa época em que a rede de frio era incipiente, com a venda do peixe feita ao ar livre, como na rua de São Paulo, onde - de acordo com a memória de Maria Emília Carvalho - *havia muitas varinas (...), eram muitas, algumas vinte..., eram muitas peixarias, era a rua toda de São Paulo, (...) aquilo está muito diferente, era uma peixaria, uma peixaria, uma peixaria, e depois havia o Beco do Pocinho e cá em cima as padiolas e as canastazinhas*, o valor comercial deste peixe se degradasse rapidamente se as condições de temperatura e acondicionamento não lhe fossem favoráveis.

Por outro lado, a sardinha, não permite grande preparação, uma vez que é muito sensível ao manuseamento amolecendo e adquirindo uma textura e sabores inadequados. Não se lhe tiram as vísceras e guelras, nem se escama a pele. Por isso se grelha, com um pouco de sal, em fogo intenso, mas sem chama. A assadura, o termo mais adequado, é a mais antiga forma de cozinhar.

Na sua forma mais básica, não exige mais do que colocar ingredientes crus diretamente em cima do lume. (...) A tecnologia do assar é muito mais antiga do que a da construção de casas; ainda mais antiga do que a agricultura. Antecede tanto a cerâmica para cozinhar como os fornos em quase dois milhões de anos. (Wilson, 2013, pp 102-103)

Mas assar uma carne rica em gordura faz com que esta se liquidifique, goteje nas brasas e se evapore, rapidamente. Os fumos libertados impregnam os ares, agarram-se às roupas, aos corpos e, por esta razão, é arriscado assar sardinhas nos apartamentos, preferindo-se o ar livre para esse efeito. É nos bairros populares lisboetas que a sardinha é cozinhada sem grandes constrangimentos. Para os residentes, a rua é o prolongamento das suas casas e o convívio entre vizinhos é permanente. No verão, ter um fogareiro aceso à porta de casa a assar sardinhas é absolutamente trivial, em redor do qual se



Eduardo Gageiro, 1965. *Sardinhada*.
Fonte: Arq. Fotográfico Municipal.
PT/AMLSB/EGA/000026

convive e partilha uma refeição, a qual não carece de grande sofisticação: uma sardinha, comida à mão, pingando sobre uma fatia de pão.

A Sardinha como símbolo da Festa

Como já foi referido, os registos noticiosos e os arquivos fotográficos mostram-nos que é a partir de meados de 1960 que se consome sardinha assada na generalidade. As mudanças sociais promovidas pela industrialização da década anterior criam um crescimento económico sem precedentes em Portugal, com especial destaque na zona de Lisboa onde se estão a instalar as grandes indústrias navais, siderúrgicas e químicas, alavancas indispensáveis ao desenvolvimento do sector dos Serviços. Esta classe operária, muitas vezes obrigada a trabalhar por turnos, sacrificando os fins-de-semana, vê nas Festas dos Santos Populares um dos escapes a um regime que teimava em manter os seus valores, há muito abandonados noutros países europeus.

Será então habitual os casais e famílias deslocarem-se a Alfama e a outros bairros populares, para uma sardinhada na noite de Santo António. E fazem-no com brio: cabelos arranjados, roupa confortável, brincos e anéis, écharpes, etc.

Abandona-se, gradualmente, o hábito da «sardinha no pão». Come-se sentado, em mesas com toalhas, copos, pratos e talheres. Procura-se a ascensão social por meio do modo como se come. Afinal, comer à mão é ainda mais primitivo do que assar a comida...

É uma classe média que está a despontar na sociedade portuguesa e que tenta copiar as práticas das elites com quem se tenta identificar, ao mesmo tempo que vai conferindo às celebrações dos Santos Populares um ambiente mais cuidado, limpo e ordeiro.



Autor desconhecido, 1960.
Fonte: Arq. Fotográfico Municipal.
PT/AMLSB/PEL/005/S03621

Na realidade, a industrialização dos anos 50 a 70, centrada nos principais núcleos urbanos do eixo litoral Braga-Lisboa-Setúbal, constitui o segundo pólo atractivo do êxodo rural. Atrás dela e do conseqüente desenvolvimento, algo lento, mas real, de um moderno sector de serviços, vem o rápido crescimento das cidades, uma urbanização assente no surto de um proletariado industrial jovem e concentrado (mas cujas características de «modernidade», no sentido da separação da terra ou de outros meios de produção complementares, só continuavam a ser nítidas em Lisboa e nas suas cinturas industriais a norte e a sul do Tejo) e na

emergência de uma numerosa pequena burguesia urbana de assalariados dos serviços.

Serão eles os principais beneficiários da subida de salários reais que se verifica ao longo do período, principalmente a partir de finais dos anos 50, que promove um crescimento do consumo privado relativamente elevado entre 1958 e 1973 (cerca de 5,4% ao ano) e, particularmente, numa evolução da estrutura do consumo marcada pela redução do peso alimentar (especialmente do pão), em benefício de maiores gastos em transportes, actividades recreativas e culturais ou outros bens e serviços. (ROSAS:1994, p. 498)

Várias personalidades estrangeiras, que visitam Lisboa em Junho, deslocam-se aos bairros populares para desfrutar de um *jantar tipicamente português – à maneira de Alfama*. (DL:12.06.1970, p. 14) (pág. 54)

Ao longo das décadas seguintes, a sardinha assada continuará a ocupar um lugar de destaque na gastronomia das Festas da Cidade a tal ponto que a EGEAC lançou o Concurso da Sardinha Festas de Lisboa, um desafio que propõe o redesenho de uma sardinha, uma nova roupagem, e põe à prova a imaginação de *designers* profissionais ou amadores. No ano de 2015, foram apresentadas mais de oito mil desenhos provenientes de vários países. Duas das cinco propostas seleccionadas foram criadas por uma italiana e uma francesa, sendo as restantes três portuguesas. (fotos p.67)



Marta Sorte, 2015. *SARDINHA Salva vidas*.
Técnica Digital. Itália.

Fonte: EGEAC - <http://www.festasdelisboa.com/sardinhas/>

Este desejo de representar a sardinha de forma diferente também chegou à gastronomia. Em vez da tradicional sardinha assada, acompanhada de salada de alface, pimentos e pepino, e batata cozida com pele, tem havido outras propostas mais sofisticadas e igualmente interessantes ao paladar, procurando-se atingir outros públicos, uma vez que *as escolhas e as práticas de consumo podem sempre estar relacionadas com a classe social a que se pertence* (LIPOVETSKY:2010, p. 98). Há razões para isso.

A investigação científica tem descoberto características nutritivas neste peixe, nomeadamente a substância Omega 3, que é um elemento protetor do sistema cardio-vascular. Assim, de um peixe essencialmente destinado às classes economicamente mais desfavorecidas passou a ser um peixe indicado para todos, sobretudo para aqueles que têm uma vida essencialmente sedentária e para quem a saúde se torna um valor prioritário, uma preocupação omnipresente em quase todas as idades. (LIPOVETSKY:2010, p. 46)

Devido a isto, tanto podemos encontrar uma receita de *espetada de sardinhas*, sem vísceras nem cabeça, que se comem à mão, sem usar mais do que a ponta de dois dedos – novamente, o regresso à fase



Fonte: Expresso

http://expresso.sapo.pt/multimedia/infografia/infografia_chef_tiger/espetada-de-sardinhas-sem-espinhas=f874854

primitiva, mas de modo muito mais higiénico – como nos podem sugerir uma sardinha assada, servida sem vísceras sobre uma fatia de pão, rodeada de azeitonas descaroçadas, funcho e salsa.



Fonte: IVI Portugal

<http://blog.ivi-fertilidade.com/pt/tag/sardinha-assada/>

Estas mudanças representam também a ascensão social da sardinha, enquanto produto de consumo. Se, nas décadas anteriores a 1990, este peixe era consumido por todos em situações especiais, na atualidade é já considerado um produto *gourmet*, trabalhado por *Chefs* que o olham prescutando como podem adicionar valor.

Al comprar un alimento, al consumirlo y al darlo a consumir, el hombre moderno no manipula un simple objeto de una manera puramente transitiva; este alimento resume y transmite una situación, constituye una información, es significativo; esto quiere decir que no es simplemente el indicio de un conjunto de motivaciones más o menos conscientes, sino que es un verdadero signo, esto es, unidad funcional de una estructura comunicativa. (BARTHES:2006, p. 215)

Regressa-se agora às tricotomias de Charles Sanders Peirce e tenta-se demonstrar porque razão a sardinha se tornou num símbolo da noite de Santo António, em particular, e das Festas de Lisboa e dos Santos Populares em geral.

Como se demonstrou, durante décadas a sardinha não estava presente na generalidade das celebrações. Há uma menção como índice no filme da Maria Papoila e pouco mais. Só em meados da década de sessenta, mercê das alterações sociais que garantem um maior rendimento às famílias, é que ela começa a ser consumida na noite de Santo António. Talvez no seu início não seja ainda um símbolo, talvez seja um índice, cujo objeto de que depende, a *primeiridade*, é a festa – a qualidade e o sentimento da diversão, o momento que antecede a satisfação alimentar na companhia de quem se gosta.

Mas torna-se símbolo porque: 1) se associa o consumo da sardinha assada à noite de Santo António, uma ideia de carácter geral; 2) se porque institucionaliza o seu ícone, ao lançar-se um concurso de *design*.

É esta associação de ideias de carácter geral que convertem a sardinha num símbolo.

Na versão do Pátio das Cantigas de 2015, Evaristo mantém o propósito de conquistar Rosa. Contudo, o diálogo está adaptado à atualidade, aos valores simbólicos do presente.

Na Vila Berta, à noite, após uma reunião da Comissão Organizadora do Arraial de Santo António, Evaristo tenta convidar Rosa para a festa.

Evaristo

(com receio no olhar e hesitante)

A Rosa desculpe, mas eu gostaria de aproveitar para lhe perguntar...

Rosa

(olhando-o com atenção)

Diga, Evaristo.

Evaristo

Não, não, deixe estar, deixe estar...

Rosa

(insistindo e sorrindo)

Diga...

Evaristo

(recompondo-se)

Muito bem. Eu gostava de a convidar para uma sardinhada. Afinal de contas e apesar da confusão o Santo António ainda é o nosso padroeiro.

A tricotomia criada por Peirce é um método de análise que permite distinguir entre diferentes aspetos da significação contudo, quanto à sua realização ou ocorrência no mundo, nenhum signo pertence exclusivamente a uma das categorias. Todos necessitam, como vimos nas definições, do tipo de signo de ordem anterior, embora este não constitua o seu aspeto mais

proeminente. Outras vezes, poderão ser recobertos por várias formas de significação, consoante forem perspetivados.

Conclusão

Ao longo deste ensaio procurou-se compreender o fenómeno das Festas dos Santos Populares, enquadrando-o quanto às suas origens, às suas práticas e à sua institucionalização, detalhando-se, seguidamente, a comensalidade enquanto objeto cultural e a criação de símbolos.

Em primeiro lugar, conclui-se que a tradição é marcada pelo uso e que os valores simbólicos podem sofrer alterações de categoria face a esse mesmo uso. São exemplos disto as Marchas Populares, os manjericos e as suas quadras presas no cravo de papel, os concursos das quadras de Santo António, a queima das alcachofras, os arraiais, o saltar à fogueira, e a comensalidade praticada: o arroz doce, os pastelinhos de bacalhau, o vinho tinto, a sardinha e a cerveja.

Em segundo lugar, as Festas de Lisboa, baseadas no culto do Santo António, passam desde sempre por processos de institucionalização sucessivos, que lhes induzem práticas que são vividas e experienciadas como tradição e que, na atualidade, se estendem muito para lá da duração da noite e dia de Santo António: vão do dia 1 a 30 de junho, com amplos ecos na imprensa, rádio, televisão e *web*, envolvendo para além dos arraiais e das Marchas Populares, outras atividades culturais como: o Espetáculo de Abertura; a Exposição da Sardinha; o World Music Fest; o Teatro das Compras e Andar em Festa; e o Concerto de Encerramento, criando-se uma oferta cultural diversificada que certamente tem conquistado outros públicos nacionais e estrangeiros.

Lisboa, 11 de janeiro de 2016

Bibliografia

- Ackerman, Diane (1997). *Uma História Natural dos Sentidos*. Trad. Sofia Gomes. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Barthes, Roland (2006). *Por una Psico-Sociología de la Alimentación Contemporánea*. In EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales. Nº 11, enero-junio, pp 205-221.
- Godinho, Paula (2004). *A Celebração como mecanismo de reiteração de uma cultura resistente: o caso do Couço (1958-1962)*. In Etnográfica, Vol. IV (1), pp. 129-152.
- Lipovetsky, Gilles (2010). *A Felicidade Paradoxal, ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- Rodrigues, Adriano Duarte (2000). *Introdução à Semiótica*. 2ª ed. Lisboa: Edições Cosmos.
- Rosas, Fernando *et al.* (1994). *História de Portugal, o Estado Novo*. Vol VII. Dir. José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Sanchis, Pierre (1992). *Arraial Festa de um Povo, as romarias portuguesas*. 2ª ed. Trad. Madalena Mendes Matos. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Ventura, Margarida Garcez (2004). *Santo António*. Coord. Científica António Simões do Paço. Col. Grandes Protagonistas da História. Espanha: Planeta DeAgostini.
- Wilson, Bee (2013). *A História da Invenção na Cozinha*. Trad. Pedro Vidal. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.

Outros textos

Todas as edições do Diário de Lisboa foram consultadas no sítio da Fundação Mário Soares em http://www.fmsoares.pt/diario_de_lisboa/ano visitado entre 14 e 31 de dezembro de 2015.

Arquivo Fotográfico de Lisboa consultado no seu sítio <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF> entre 14 e 31 de dezembro de 2015.

Filmografia

- A Canção de Lisboa*, 1933. P/B. Duração 85 minutos. Realização e Argumento: José Cottinelli Telmo. <https://www.youtube.com/watch?v=ziKvmTXqhBE> visionado em 26.12.2015.
- A Menina da Rádio*, 1944. P/B. Duração: 106 minutos. Realização: Arthur Duarte. Argumento: Aquilino Mendes. <https://www.youtube.com/watch?v=qjq5kT65mq0> visionado em 27.12.2015.

Rui Pinto de Almeida

Maria Papoila, 1937. P/B. Duração: 98 minutos. Realização: José Leitão de Barros. Argumento: Vasco Santana, José Galhardo e Alberto Barbosa. <https://www.youtube.com/watch?v=NUge4LVc8Dk> visionado em 26.12.2015.

O Costa do Castelo, 1943. P/B. Duração: 135 minutos. Realização Arthr Duarte. Argumento: Fernando Fragoso e João Bastos. <https://www.youtube.com/watch?v=x5eGRhya0kQ> visionado em 27.12.2015.

O Pátio das Cantigas, 1942. P/B. Duração: 105 minutos. Realização Francisco Ribeiro. Argumento: Vasco Santana. <https://www.youtube.com/watch?v=tZEWhzdWIZY> visionado em 27.12.2015.

O Pátio das Cantigas, 2015. Cor. Duração: 111 minutos. Realização: Leonel Vieira. Argumento: Pedro Varela. Visonado em 25.12.2015 na RTP 1.

Lista de Anexos

Páginas do Diário de Lisboa	35 a 54
Fotografias	56 a 69

Recortes do Diário de Lisboa

A PRAÇA do Campo Pequeno encheu-se ontem, á cunha. Foram mortos dois touros. O publico delirou. A lueta entre o espada e a rez teve logica e emoção—o publico sentiu que era um espectáculo para os seus olhos.

Não houve desmaios nem protestos. Um amigo nosso, que assistiu entusiasmado, disse-nos:

—Renasceu uma grande tradição de Portugal!

Achavamos preferivel que, para explicar o acontecimento, se invocasse simplesmente o exemplo da Espanha. Portugal, mesmo que não restabeleça os touros de morte, tem muitas resurreições a fazer.

Esta, entre tantas outras—a bravura da raça.

No dia em que nós possuímos a tempera dos nossos maiores—os que se bateram pela Patria, sem discutir o valor dos seus companheiros—não teremos necessidade de imitar ninguém.

DL 13.06.1927

FESTEJOS A
SANTO ANTONIO
no
MAXIM'S
Hoje e amanhã **Lisboa Antiga**
Lindas Iluminações á Veneziana
Distribuição de mangericos e cravos
Marcha aux flambueaux

DL 13.06.1928, p. 8

Pavilhão Português
(PARQUE MAYER)
Variedades e cinema ao ar livre
por 1\$60 com entrada gratuita
no Parque
Hoje--Quarta-feira, 13--Hoje
Dia de Santo Antonio
GRANDIOSO FESTIVAL
Profusa iluminação electrica—
Musica permanente por 2 orques-
tras.

Largada de balões luminosos
com vistoso fogo de artilheiro,
verdadeira novidade apresenta-
da pelo conhecido industrial Au-
relho Guimarães, da cidade do
Porto.

Ruidoso successo pela orquestra
argentina

LA CRIOLLA
— Tangos e canções regionais —
Extraordinario programa cinematografico

Aviso—A nossa bilheteira á entrada do Parque abre ás 19 horas para a venda de bilhetes que são os únicos que dão entrada no PAVILHÃO PORTUGUÊS por 1\$60, incluindo a entrada gratuita no Parque.

DL 13.06.1928, p. 8

A NOITE DE SANTO ANTONIO

Cravos - Mangericos
BALÕES
As mais lindas
ornamentações

no

Fogueiras - Descantes
ORLANDO
a melhor orquestra
de tangos

Bristol Club

DL 13.06.1928, p. 8

Os festejos do Terreiro do Paço acabam hoje

Da Presidencia da Comissão Administrativa da Camara Municipal recebemos a seguinte nota:

«Embora os festejos no Terreiro do Paço tivessem alcançado o objectivo previsto, o qual era fazer divertir o povo de Lisboa, ao mesmo tempo que eram auxiliadas algumas casas de caridade, a Comissão Administrativa do Municipio de Lisboa reconheceu que fôram ali colocadas muitas barracas improprias do local, pelo que resolveu, logo no primeiro dia, fazer levantar algumas das barracas e reduzir a licença das festas para 3 dias, terminando, portanto, hoje, os festejos no Terreiro do Paço».

DL 13.06.1933 p. 6

O juri e os premios

O juri, que attribuiu os premios do Concurso foi constituído pelos srs. Roque Gameiro, presidente; Matos Sequeira, dr. Norberto Lopes, Frederico de Freitas, Jaime Martins Barata, Augusto Soares e Barbosa de Lacerda.

Brevemente, no Parque Mayer, distribuem-se os premios ás marchas premiadas, nas varias categorias. Todas receberão taças, e outros premios ás senhoras. Queimar-se-á um vistoso fogo de artificio, á meia noite.

Ha a destacar a indumentaria, nas vestes dos ranchos, e que foi verdadeiramente caprichosa nos varios modelos. Foi o guarda-roupa do sr. Alyaro Costa, da rua da Palma, quem tomou a si esse encargo, e de que se saiu felicissimamente.

E agora uma nota final: hoje, segunda feira, todos os componentes dos grupos, e que incluíam cerca de 400 figuras—a quasi totalidade operarios, empregados comerciais, raparigas de «atelier» ou de oficinas, e que perderam a noite—foram trabalhar para as suas occupações.

Cantar e trabalhar—é o orgulho da mocidade do povo português.

DL 13.06.1932, p. 7

UMA DISPOSIÇÃO JUSTA

O DECRETO sobre o feriado

de Santo Antonio

O governo, guardando e reconstruindo com carinho a tradição, quanto ao mais humilde dos homens que no mundo se chamou Fernando Buihã, e quando noviçado franciscano adoptou o nome de Antonio, hoje conhecido em todo o mundo por Santo Antonio de Lisboa, ou Santo Antonio de Padua, deu a mais completa satisfação ao povo português, fazendo do dia de hoje o feriado obrigatorio.

Projectam-se festejos para solenizar condignamente o setimo centenario da morte do nosso grande taumaturgo, saldando assim uma divida de gratidão á memoria do que foi uma eminente gloria de Portugal.

Reconhecia-se a necessidade imperiosa de revêr esta figura, que pretendiam fazer desaparecer na mortalha do esquecimento, mas que o povo simples que já o venera, crente nos seus milagres, na cura dos doentes, reconstrução de um copo quebrado; cura de um paraltico, falando aos peixes, fazendo aguas milagrosas com a sua bênção e muitos outros que em lenda correm neste pais de boa sementeira de santos e heróis, monges e guerreiros, marinheiros e poetas, fidalgos da melhor estirpe, e plebeus do melhor sangue, de tradições gloriosas dum incontestavel relêvo, povo que atravez de toda a historia marecu sempre pela sua fé e crença, jámais poderia esquecer o patrono casamenteiro das mulheres portuguesas, festejando-o sempre com as suas tradicionais marchas luminosas e decantes alusivos ao santo.

O referido decreto vem fazer resurgir com mais fé no horizonte avançado, atravez da sã historiografia moderna, a individualidade deste nosso grande vulto historico, cuja epopeia gloriosissima não coube no estreito ambito da sua patria. E' deveras para lamentar que o verdadeiro merito, a inclita memoria do nosso santo tenha avultado mais nos paises estrangeiros do que propriamente na sua patria. E' que lá fora, não obstante os horrores de certos tuffes destruidores, tem-se pesquisado judiciosamente os valores que seduzem sempre aqueles que tem uma alma e que pensam, porque ela quasi sempre põe o espirito acima da materia, a ideia acima da forma e o direito acima do facto. Entre nós, as teorias demolidoras, importadas no meado do seculo XVIII, contaminando já imensamente a selva, prostraram-nos numa decadencia apatica moral e até amorteceu a legitima veneração pelas suas glorias.

O decreto que determina o feriado no dia de hoje veio estimular o povo a reviver as tradições do santo, incltando-o a procurar festejar o dia com as maiores solenidades, e foi assim que varias Empresas de espectaculos procuraram proporcionar-lhe festejos de toda a categoria, destacando-se a Empresa do aprazivel cabaret «Galo d'Ouro», do Parque Mayer, que organizou um programa exemplar, que proporcionou aos seus clientes varios decantes, toques populares pela sua magnifica orquestra, havendo distribuição gratis do tradicional mangerico e varios brindees, tudo confortado com um optimo serviço de restaurante e «bar» e a presença duma assistencia polvilhada de senhoras, rigorosamente seleccionada, embora com entrada gratis, que toda a noite se divertirão, quer deliciando-se com as variedades e surpresas, quer dançando as dansas populares do vasto repertorio da sua orquestra.

DL 13.06.1931, p. 11

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da **RENAASCENÇA GRAFICA**
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES / Direcção: T. 105
Redacção: T. 310
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A PRAÇA do Campo Pequeno encheu-se ontem, á cunha. Foram mortos dois touros. O publico delirou. A lucta entre o espada e a rez teve logica e emoção—o publico sentiu que era um espectáculo para os seus olhos.

Não houve desmaios nem protestos. Um amigo nosso, que assistiu entusiasmado, disse-nos:

—Renasceu uma grande tradição de Portugal!

Achavamos preferivel que, para explicar o acontecimento, se invocasse simplesmente o exemplo da Espanha. Portugal, mesmo que não restabeleça os touros de morte, tem muitas resurreições a fazer.

Esta, entre tantas outras—a bravura da raça.

No dia em que nós possuímos a tempera dos nossos maiores—os que se bateram pela Patria, sem discutir o valor dos seus companheiros—não temos necessidade de imitar ninguém.

O LEITOR que nunca desceu as Escadinhas da Saude, não as desce enquanto não tiver noticia de que o municipio se decidiu tomar o caso á sua conta. Nós descemo-las esta manhã, por dever de officio, e, com franqueza, affigura-se-nos que praticámos um feito quasi tão ousado como o de Linderbergh, vindo em trinta horas de New York a Paris. O estado em que se encontra o empedrado dos degraus da ingreme calçada não se descreve facilmente. O illustre vereador do pelouro respectivo, se tem amor ás cânulas do proximo, deve apenas tentar a travessia e mandar reparar seguidamente as Escadinhas do Perigo. Da Saude é que elas, positivamente, não são.

ALMADA Negreiros abriu em Madrid, nos salões da "União Ibero-Americana", a sua exposição de desenhos. Assistiu o sr. Melo Barreto e um luzido grupo de admiradores. Sabemos que o seu nome foi saudado com entusiasmo.

O talento incontestavel do nosso compatriota merece o aplauso de nacionais e estrangeiros. Entre os rapazes da sua epoca, ele é o mais audaz na invenção e tambem o mais antigo no culto que presta á independencia da arte e á livre affirmacão do artista.

DEVE-SE realizar na primeira quinzena de Setembro a 1.ª Volta a Portugal para automoveis e motocicletas, organizada tecnicamente pelo Automovel Club de Portugal e Moto Club de Portugal e iniciativa dos jornais "O Seculo" e "Primeiro de Janeiro".

NO Club Brasileiro, realiza-se hoje, ás 21 horas e meia, um serão de arte em homenagem á sr.ª D. Maria Amelia Fernandes Teixeira, promovido por uma comissão presidida pelo sr. Vianna da Mota.

REALIZA-SE amanhã, no Salão do Conservatorio, ás 21 horas, a audição dos alunos da distinta professora de canto sr.ª D. Marieta Fontana.

Santo Antonio

Este dia de Santo Antonio que o povo anda a celebrar ainda por aí, na alegria dos folguedos e na romagem dos altares, é um dia santo de verdade para a gente toda da capital. Inspiração de beleza popular que não morre; evocação de um passado que se perpetua em saudade pelos tempos lora, nem precisava da religião o launaturalgo para que fôsse constante a crença dos fiéis na maravilha dos seus milagres, para que fôsse sempre unanime a devoção dos lisboetas no culto do seu nome. S. João vem depois; vem depois dele, tambem, o velho claviculário do Ceú.

Santo Antonio até no calendario tem as primazias da festa. Tradição? Fé? Preocupações mais ou menos calculadas de nacionalismo? Pensam lá nessas coisas complicadas as almas de todas as idades que neste dia cantam, para servir de reza, as quadras de amor que andam a sagra-se de ternura no catecismo improvisado do povo.

São as lendas de bondade que á volta dum nome se ergueram entretécidas de flores; são os milagres de amor que se fizeram lenitivo na magua dos



Ha dez anos...

(Desenho de Stuart).

corações; é a poesia do Bem que se tornou em lema para a consciencia provada dos que sofrem e se tornou em simbolo para a humildade ingenua dos que vão despontando ainda nos horizontes enganados da vida. E' isto tudo, deve ser isto tudo, o que fez de Santo Antonio o santo mais querido da gente portuguesa.

Ao evocá-lo, o povo ri, o povo canta, o povo dança, tocado duma suggestão colectiva de lirismo que só em letra sincera se traduz. Ha um altar em cada rua, á porta das crianças humildes; ha um baile em cada pateo, á beira dos namorados; ha uma irmandade em cada esquina, com muitos ranchos de crianças a mendigarem, como outrora, quando foi do terramoto, para que não seja por falta de frouros que o culto do santo se desvança. Perdeu-se a noite em veladas de amor que não cansam, vai caído o dia em festas que serão saudade antes ainda do sol se esconder. E outro ano virá; e outro... e sempre será assim, florido de esperanças, vibrante de alegria, sa, feliz de ilusões em que a nossa indole cré, o dia que Lisboa consagra ao santo preferido da sua maior devoção.

As festas populares têm de ser mantidas. Não ha razão, explicação sufficiente, para que se pünham entaves ás tendências do povo. Lisboa triste tem hoje só a alegria das suas evocações. Santo Antonio, como depots S. João e S. Pedro—é um quadro de saudades. Urge ressurgir em toda a sua expansão a alegria popular, que—como os rouxinóis—não tem opinião politica.

REALIZOU-SE em Aveiro um congresso de professorado dos liceus. O primeiro, se não estamos em erro. Trata-se dum acontecimento da maior importancia a que o paiz deve prestar muita atenção.

O ensino secundario é um elemento indispensavel na formação educativa das gerações, garantia necessaria duma cultura que mantenha em equilibrio o caracter, a consciencia e a razão.

Do relato das suas sessões, e tal qual o lemos nos jornais, vê-se que os congressistas trabalharam afincadamente para realizar uma obra.

Abordaram com conhecimento da materia os problemas essenciais do ramo de ensino que professam. Souberam dar forma a um conjunto de ideias que divulgavam em discussões e palestras, sem grande utilidade pedagogica. Assentou-se bem no congresso de Aveiro que a instrução secundaria exige uma seleção cuidada no seu pessoal discente e que ela visa, antes de mais nada, a mover o espirito para a função creadora de estudar e pensar. Muita gente ainda vive na crença de que os liceus ministram conhecimentos para a vida pratica.

Tal não é o seu objectivo, visto que a sua missão insubstituivel consiste em utilizar as noções e os principios para definir as competencias dos individuos ao serviço social duma cultura.

SR. dr. José Gomes Mota, advogado dos joalheiros Pinto da Cunha, implicados no caso "Angola e Metropole", apresentou hoje na Boa Hora a minuta de defeza dos seus constituintes, que abrange noventa e seis meias folhas de papel selado e muitas documentos.

Dentro de algumas semanas, deve estar impressa, fazendo-se a sua distribuição para elucidacão do publico.

FOI hoje autopsiado, na Morgue, o cadaver do vibrante jornalista republicano José do Vale, que no sabado ultimo faleceu repentinamente, quando conversava com sua esposa.

Hoje, ás 21 horas, o cadaver do malogrado republicano será trasladado da casa mortuaria para a Associação do Registo Civil, onde será velado, durante a noite, por turnos de amigos pessoais e politicos.

POR não se saber ainda a hora precisa da chegada do Bagé, que trás a bordo o sr. dr. Artur Bernardes, só amanhã de manhã serão dadas, nos jornais, as precisas indicações de embarque aos componentes do Orfeon Academico de Lisboa, que preparam uma manifestação de simpatia ao illustre estadista brasileiro.

A BORDO do Zeelandia, chega amanhã a Lisboa o senador brasileiro dr. Lacerda Franco, figura de real prestigio e um dos chefes politicos de S. Paulo.

Diario de Lisboa

Numero avulso 50 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua de N. S. da
Encargos Telegraficos: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade de **RENASÇENÇA GRÁFICA**
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SOBRIANO, 48
TELEFONES (Direcção 7. 188
Redacção 7. 185 e 184
Encargos telegraficos DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O COMANDANTE Fernando Pereira da Silva e o sr. dr. Alberto Mac Bride, principais animadores do 1.º Congresso Nacional dos Combatentes da Grande Guerra, vão, hoje á noite, regularizar com a secretaria geral da Liga dos Combatentes, o programa definitivo das cerimoniaes de recepção ao sr. Achilles Reisdorff, presidente da "Fidac", e indicar quais devam ser os convites para as recepções e banquetes que se realizam desde o proximo sabado até quinta-feira.

O jantar que a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol oferece no domingo é intimo e de homenagem aos dirigentes do Congresso e ao sr. Achilles Reisdorff. O banquete de Lisboa, na segunda-feira, com representação de todos os elementos militares, tem caracter oficial. Na grande festa popular nocturna, de domingo á noite no Estoril, têm entrada todos os congressistas, com a apresentação do bilhete de identidade. Nos passeios pela cidade, visita a Sintra e Estoril, e excursão á Batalha, o sr. Achilles Reisdorff deve ser acompanhado pelos srs. comandante Fernando Branco, capitão mutilado Bandeira, dr. Alberto Mac Bride, tenente A. Faria e capitão Shirley Pereira.

FAZ hoje um ano que morreu, vítima dum estúpido accidente de automovel, um homem forte que caminhava a passos largos para um triumpho definitivo: Homem Cristo Filho.

Os seus amigos Alberto Monsaraz, Antonio Ferro, João do Amaral, Joaquim Manso, José Pacheco, e a sua familia, mandaram rezar hoje nos Mártires uma missa, a que tambem assistiram as senhoras D. Fernanda de Castro Ferro e D. Ermelinda Camacho e os srs. Conde de Mangualde, dr. José Gomes Mota, Virgilio Barroso, Adolfo Vieira da Rosa, Antonio Manzoni de Sequeira, Martiniano de Campos, Carlos de Vasconcelos e Sá e Felix Correia.

OSR. Serrão Correia, director em Lisboa da Agencia Americana, ofereceu hoje um almoço, na Garrett, ao sr. comendador F. Santana, representante do diario brasileiro A Noite e grande amigo de Portugal, que segue amanhã para Sevilha, Madrid e Barcelona, em missão jornalística—missão que estenderá a Roma, Paris, Berlim e Moscou.

Entre outros, assistiram os srs. ministro de Cuba, dr. João de Barros, dr. Joaquim Manso, Antonio Ferro e A. Gandara.

OS alunos do curso de cavalaria da Escola Militar (2.º e 3.º anos) iniciaram, hoje, nos arredores de Lisboa, provas praticas, que se prolongarão até depois de amanhã, sendo acompanhados pelos respectivos professores.

FOI publicado um decreto determinando que o Instituto Central de Higiene dr. Ricardo Jorge fique constituindo uma dependencia do ministério do Interior (Direcção Geral de Saude).

Santo Antonio de Lisboa

Santo Antonio de Lisboa — um dos maiores portugueses dos tempos remotos da nacionalidade e que fulgiu nos começos do seculo XIII, acabando seus gloriosos dias de prégador e taumaturgo em terras de Italia—deu ao nosso povo, de lirico sentido creador, pretexto para a efflorescência poética, que é a historia feita pela lenda.

Quando por esta quadra de Junho—o mês dos santos populares—nós falamos de Santo Antonio, mais celebramos o povo, que criou um Santo á sua imagem e semelhança, do que celebramos uma figura notavel do *Flos Scriptorum*.

Santo Antonio fez muitos milagres, mas o povo fez o milagre de criar um Santo Antonio seu.

A ideia que se faz de Santo Antonio é completamente diferente da reali-



dade historica. Onde os documentos dizem austeridade diz o povo poesia.

Milagreiro, divertido, concertando bilhas ás moças, casamenteiro, motivo gracioso e perene emoldurado de religiosidade simpatica, inspirador e folião—dando mais etnografia do que iconografia—Santo Antonio é para o povo, que em verdade o conhece só por ter o menino Jesus ao colo, um reflexo da sua sua propria alma simples, e que se compraz em celebrar estas figuras ideais atravez do seu proprio consenso da vida e da espiritualidade ingenua.

Os mangericos, os cravos de papel, quatro versos de pé quebrado, as fogueiras que foram arrebatadas aos costumes de S. João, a alcachofra, os descantes e os bailes de roda, impregnados de sentido lusiada—são a oferta votiva que o povo portuguez eriou por suas mãos para o altar do Santo, que já teria esquecido—se assim não fôra.

DO nosso amigo, assistente da Faculdade de Medicina, sr. dr. Brito Fontes, recebemos uma carta em que, considerando a questão arrumada, quanto a si, responde á carta publicada anteriormente, sobre reflexoterapia, pelo sr. dr. Machado de Almeida.

Temos pena de não publicar esta carta, como não publicamos tambem as conclusões do artigo do sr. dr. Machado de Almeida, e que este medico annunciara ha dois dias.

Isto não envolve menos respeito e consideração por ninguém, e muito menos pelo sr. dr. Brito Fontes, que na Imprensa tão notavelmente collocou o assunto, sob o ponto de vista scientifico. A interessante contenda sobre reflexoterapia não se pode, porém, comportar num jornal como o *Diario de Lisboa*, embora o assunto mereça expansão.

F ALECEU hoje o sr. Luis Antonio dos Reis, antigo funcionario superior da Direcção Geral das Alfandegas—ha pouco atingido pelo limite de idade—, e que algumas vezes exerceu o cargo de Director Geral. Pessoa distintissima, pela sua educação e pela sua cultura, e que ao Estado prestou grandes serviços, a sua morte causou funda impressão, não só nos seus colegas como em todos os que o conheciam e admiravam.

A seu filho e nosso amigo, sr. dr. Luis da Camara Reis, enviamos a expressão do nosso maior pesar.

GUERRA Maio, o nosso estimado colaborador, acaba de tomar posse do lugar de secretario administrativo da Camara Portuguesa de Comercio de Paris, para que fôra convidado, logo após a saída da Propaganda de Portugal, do palacete do Banco Ultramarino, e de cujo Bureau foi muitos anos director.

Guerra Meio goza em Paris das melhores relações, não só na "Imprensa Latina" de que faz parte, mas nos meios comerciais e nas organizações ferro-viarias, em que muito se tem especializado.

FORTUNATO Anjos e Teixeira Cabral, dois novos chetos de qualidades, inauguraram hoje, na fotografia Magalhães, na rua Nova do Almada, uma exposição de caricaturas, que marca pela originalidade e arte que encerra e á qual mais de espaço nos referiremos.

A exposição conservar-se-ha aberta durante dez dias.

REALISA-SE hoje, pelas 21,30, no salão da Sociedade Portuguesa de Amadores de T. S. F., largo do Directorio, 4, umareunio para discussão dos problemas que se prendem com a regulamentação da T. S. F. e organização da Radio-difusão em Portugal.

OS exercitos navais das nossas forças ligeiras devem recommear na proxima semana, com provas de lançamentos de torpedos, na Baía de Gezimbra.

Diario de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor:
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 37, 2.º
Endereço telegraphico: DIROA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da **RENAASCENÇA GRAFICA**
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 4-B
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegraphico: DIROA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

As considerações que o *Diario de Lisboa* fez acerca dos feriados nacionais e do quasi nenhum respeito em que eles são tidos deram no gôto a muita gente que resolveu dizer-nos em carta o que pensa a tal respeito.

Como sempre e como em todas as coisas da nossa terra, o caso tomou logo na imaginação de certas pessoas um aspecto de controversia que, longe de contribuir para beneficio da colectividade, levaria a disputas azedas sem finalidade social e sem proveito para ninguém.

São numerosas as missivas que a proposito recebemos. Tão numerosas, que se nos torna impossivel dar-lhes a publicidade que os seus signatarios desejariam, vendo-nos obrigados, por isso, a registrar-lhes apenas o essencial.

A Associação de Classe dos Baixeiros de Lisboa congratula-se com a nossa attitude, corroborando assim o que aqui disseamos:

"As leis fazem-se para se cumprir e assim devia ser, mas o que afinal se constata é um desprêzo absoluto pelo que ha legislado sobre o assunto, especialmente no que se refere a horario de trabalho, havendo casas que abrem as 7 horas da manhã e encerram as 24 horas, obrigando o seu pessoal a 12 e 14 e mais horas de serviço por dia, se bem que os Decretos 5516, 10782 e 13784 tal não permitem."

Por sua vez alguns commerciantes entendem que os feriados são todos condenaveis, visto que em Portugal o que é preciso é que se trabalhe cada vez mais.

Tambem não deixam de ter razão, no seu ponto de vista, posto que o problema, tal como o annunciámos, se apresenta sob um aspecto inteiramente diferente.

Que é preciso trabalhar, sabemos-lo todos, como ninguém ignora que os feriados entre nós nem sempre se justificam.

Mas uma coisa são as nossas opiniões e os nossos desejos e outra são as leis que somos obrigados a cumprir que quer queiramos, quer não, quer nos apeteça, quer nos descontente.

A voz informa hoje que o lugar-tenente do sr. D. Manuel recomenda a todos os monarchicos que se inscrevam no recenseamento eleitoral. E acrescenta, a este respeito:

"Esta recommendação, em que o lugar-tenente de S. M. El-Rei põe a maior insistencia, é feita sem prejuizo de deliberação ulterior a tomar sobre a conveniencia ou inconveniencia dos monarchicos que concorrerem aos actos eleitorais. No momento oportuno se tornarão publicas as competentes instruções, naturalmente subordinadas ás garantias e demais circunstancias de ordem politica de que as eleições venham a ser acompanhadas".

ALFREDO de Oliveira Gandara publicou um livrinho, com belas illustrações, em que nos conta "Quem foi Santo Antonio de Lisboa". Estuda a biographia do Taumaturgo com muito cuidado e brilho literario, satisfazendo a historia, a lenda e a piedade.

Santo Antonio



Alguém disse do dinheiro:

— É uma coisa que nos foge das mãos, depois de nos meter em trabalhos.

Só os avarentos o fecham nos seus cofres para bem o segurarem, mas morrem junto dele, mirrando-se na volupia de serem miseraveis.

Santo Antonio resolveu o problema da sua vida pela pobreza — a pobreza cheia de fé, amor, perfeição e dor sofrida com alegria. Prêgou, ensinou, falou de Jesus aos humildes, convidando-os a conquistar a felicidade, desprezando os bens do mundo. Os poderosos, quando ele passava, sentiam que um poder novo lhes ameaçava o egoismo e pensavam consigo:

— Tesouros meus, dobedes preciosos, resguardai-vos e sepultai-vos, nas entranhas da terra, que a palavra de Deus é contraria á riqueza e aos prazeres que com ela se compram.

Nas estradas, nas ruas, nas praças, nos mercados, no campo e na cidade, Santo Antonio defrontava-se com os hereticos que o temiam não só pela força e persuasão da sua eloquencia, mas sobretudo pelo fogo divino que o inspirava, pulverizando os argumentos e duvidas dos adversarios e descobrindo-lhes no seio o veneno que os impedia de verem a luz da verdade.

A sua figura, apagada em galas, sumida no habito desbotado, mas tão alta pelo ardor de combater os erros e de corrigir os enganos, tinha o valor inigualavel de se animar, fulgurar, como uma sarça que arde sem se consumir — chama imperceptivel que espancava as trevas da propria morte.

A semelhança de S. Francisco de Assis, delicia-se com a natureza — os regatos, as fontes, as sombras, as flores do campo, o ar puro das colinas, o cantar dos passarinhos e os ventos brandos que murmuram nos arvoredos.

Éra o regalo da sua humildade — a paz das coisas, a presença de Deus adivinhada na grandeza da sua obra.

E quantas, quantas vezes, não derramou lagrimas de reconhecimento abrindo os braços para amorosamente envolver nelas as rosas e os lirios que lhe segredavam:

— Somos simples como tu e por isso toda a nossa riqueza vem do céu.

O SR. dr. Marques Guedes, realiza no proximo dia 28, ás 13 horas, em Coimbra, no Teatro Avenida, a primeira conferencia da serie promovida pelo Grupo de Estudos Democraticos.

A conferencia versará o tema "O passado e o futuro" e tratará os seguintes pontos:

I — A administração financeira da Republica.

II — Acção politica e economica:
a) A valorização do homem (eugenia, assistencia, educação, instrução; a questão religiosa);

b) A valorização da terra (a organização da produção, a organização da circulação e do consumo).

III — Os orgãos e os meios de acção politica e economica:

a) A organização do Estado;

b) A administração publicas;

c) O Estado na sua vida de relações (Politica colonial, politica diplomatica e politica economica e internacional).

RECEBEMOS uma carta assinada por "Um medico de Lisboa", em que se pede aos senhores parocos que não demorem a communhão ás crianças, até depois do meio dia, porque muitas delas, por bastante fracas, resentem-se disso. Sabemos que para algumas igrejas a recommendação é desnecessaria, visto ter sido já atendida.

Aos que ainda o não fizeram osumos tembrar que se não esqueçam dos conselhos profusamente distribuidos por ocasião da "Semana da Tuberculose" e da circular que, no domingo passado, foi lida nos templos.

Cuide-se da alma tão carecida de piedosas medicinas, mas dê-se ao corpo a atenção que ele merece, visto ser ele o involucre da perfeição espirital.

OS alunos do Conservatorio de Teatro deram ontem, á noite, no seu Salão de festas, a sua ultima recita, como prova de aproveitamento escolar. Publico numeroso e escolhido. O sr. dr. Hippolito Raposo fez uma notabilissima conferencia sobre Santo Antonio, que foi calorosamente aplaudida.

O espectáculo, com numeros assás variados e escolhidos com gosto, abrangeu sonetos de Frei Tomé de Jesus, quadras e bailados populares e a representação do "Auto de Santo Antonio", por Afonso Alvarez, em cujo desempenho sobresaiam Manoela Porto, Estela de Carvalho e Villaret. Este, nos papeis de "Vilão", e "Diabo", revelou grandes qualidades para a cena.

O"DIARIO DA MANHÃ", trata hoje de eleições no seu fundo, afirmando o seguinte:

"O Governo vai realizar as eleições. Quere as eleições — base fundamental para uma normalidade Constitucional a que a Ditadura aspira, marcando assim a sua finalidade."

"Depois de cinco anos, — a Ditadura, cuja obra é caracterizada pela mais notavel e salutar acção administrativa desenvolvida em Portugal durante um seculo — prepara-se para entregar o poder á vontade consciente da Nação, representada pelo sufragio popular."

Diario de Lisboa de Domingo

<p>Numero avulso: 30 CENTAVOS Administrador e editor: MANZONI DE SEQUEIRA ADMINISTRAÇÃO—Rua da Boavista, 57, 2.º Endereço Telegrafico: DIBOA</p>	<p>DIRECTOR JOAQUIM MANSO</p>	<p>Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e impressão RUA LUZ SORIANO, 48 TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273 Endereço telegrafico: DIBOA</p>
---	--	---

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O trono de Santo António tem a sua liturgia e o seu ritual. Mas para o trono ser tradicional e justificar o pedido dos «cinco rezeiros para o Santo António» não é preciso trono, nem palmitos, nem cirios nem sequer santo. Basta uma criança que pede «cinco rezeiros para o Santo António» e a imaginação de que existe o Santo.



Vinho e agua fresca, caplès (com a condição de levar limão) e pirolitos (com a clausula expressa de serem bebidos pela garrafa)—são perlença das vespertas e noites deste «Flos sanctorum». Ha tambem pevides, tremoços e bolos do ano passado. Isto porém não oferece solenidade nem mata a sede.



Lá vai o balão ao ar,
se ele vai, deixa-lo ir...
Juntaram-se as mãos todas
para ver o balão subir

NOITE DE SANTO ANTONIO

MARCHAS POPULARES, BAIRROS EM FESTA
E O REVIVER DAS TRADIÇÕES

Lisboa festeja, como todos os anos, a noite de Santo António. Como novidade, oferece-se o espectáculo das marchas populares, com suas musicas, canções, centos de pares de namorados, bailes e descantes, no Parque Mayer, esta noite. O Bairro Alto, o Alto da Pina e Campo de Ourique descem à Baixa e encherão as ruas de movimento, de colorido, de alegria e de interesse popular.



A poesia de Santo António, como a de S. João e S. Pedro, que existiram doze seculos antes, contem-se num vaso de barro vermelho (se for de prata já é prosa), um mangerico tamaninho (se for crescido não tem graça) e numa quadra de fé quebrado (se for perfeita não é de Santo António).



A alcachofra é um simbolo: mesmo mesmo quando não ha alcachofras queimam-se alcachofras, sob a forma parabolica de açafolar um namorado. O amor, como o povo o vê, é sempre um jogo.



A corneta, o pucaro de barro, o baião de côres, a bicha de radiar—são tudo atributos inerentes à liturgia popular dos Santos do mês de junho. Se houver tudo isto noutra quadra do ano, passa à categoria das inutilidades desgraçadinhas.



Hotel Miramar
MONTE ESTORIL
Hotel Costa. Cintra

A Cidade

Antes do almoço: um vermeil
Depois do jantar: um Porto
Eis o Brinde do Restaurante Club
Almoço 9500 Jantar 11500
P. Serpa Pinto, 12 L.



LUIZ PASTOR DE MACEDO

A iniciativa arrojada das Festas de Lisboa—triunfou em absoluto.

Podemos dizer, imparcialmente: Lisboa não esperava assim. E' certo que a cidade não podia desconfiar dos homens que estavam à frente dos varios numeros do esplendoroso programa, fazendo parte da comissão executiva das Festas. Mas não previa que, de uma maneira tão palpavel, os factos correspondessem às aspirações.

A quem se deve esta iniciativa? A um dos membros da comissão administrativa da Camara Municipal, publicista, archeologo, estudioso, oisiponense de boa estirpe: o sr. Luiz Pastor de Macedo.

O sr. Luiz Pastor de Macedo, remanido, talvez, por vezes—admittimos por conhecermos o meio em que vivemos—contra a maré, logrou vêr realizada a sua ideia, que está dentro do pensamento de toda a gente—gregos e troianos—de emprestar a Lisboa um pouco de animação, agitação salutar, alegria comediada, em espectáculos vibrantes e educativos, de belo caracter artistico, com a comparticipação do elemento popular.

Este nosso artigo de hoje, que só as circunstancias nos impedem de publicar na primeira pagina, com o selo editorial, traduz o pensamento da população desta cidade admiravel, de fisionomia triste, e semblante pallido, mas que concentra em si um desejo enorme de tranquillidade—essa tranquillidade que a alegria pura afinal representa.

Revelou-se o sr. Luiz Pastor de Macedo um homem de qualidades extraordinarias de isenção, orientação firme—que os portugueses em regra não possuem—confiança absoluta nos seus colaboradores, o que é um estímullo e uma virtude civica, equilibrio, bom senso, energia de mão doce, visão e sobretudo: inspiração.

Podem os vogais da comissão executiva participar em grande parte desta victoria, e muitas vezes a iniciativa representa apenas um momento feliz, só por si inexpressiva.

Mas o sr. Luiz Pastor de Macedo foi, além de iniciador, executor.

Presidindo a uma comissão—que para bem trabalhar, numa cidade que não estava preparada para tanto, encontrou serias dificuldades—o homem a quem nos referimos foi o orientador intelligente, que conseguiu remover obstáculos, congregar boas vontades, transformar apatias, e com o apoio dos seus colegas da comissão administrativa da Camara Municipal, reali-

A APOTEOSE DAS FESTAS DE LISBOA

O CORTEJO DA EMBAIXADA DO SEculo XVIII

está a realizar-se com uma imponencia e um brilhantismo nunca atingidos em festas desta natureza

lizar uma obra de que Lisboa para sempre se orgulhara.
As Festas de Lisboa, de 1934, aparte o seu significado, os seus aspectos cultural, artistico e popular—até economico—ficam na historia da Cidade.
Não sabemos do exito financeiro das Festas, que não podiam, aliás, ter esse objectivo. Acreditamos que as receitas dêem contra-partida, e se o não derem, em absoluto, de graça ficaram as Festas à Camara, tamanho foi o interesse provocado e o seu effeito, no campo da economia cittadina.

As Festas de Lisboa, de 1934, aparte o seu significado, os seus aspectos cultural, artistico e popular—até economico—ficam na historia da Cidade.
Não sabemos do exito financeiro das Festas, que não podiam, aliás, ter esse objectivo. Acreditamos que as receitas dêem contra-partida, e se o não derem, em absoluto, de graça ficaram as Festas à Camara, tamanho foi o interesse provocado e o seu effeito, no campo da economia cittadina.

A organização do cortejo da embaixada do seculo XVIII

Lisboa vai assistir à hora a que o nosso jornal começar a circular, a um espectáculo inolvidavel. Nem a famosa e deslumbrante embaixada que D. Manuel enviou ao Papa, com seus carroções de ouro, a sua teoria de seges e de berlindas, os seus esoravos da India e da Namidia, os seus palmares, as suas gemas as suas purpuras, os seus damascos, os seus aljofares, entre centenas de fidalgos, com elefantes, panteras, lineiras—tudo quanto o imperio português que era o mundo que o abarcava, tinha em riqueza, em grandezza, em beleza, em deslumbramento, que espantou a Europa, aterrando de magnificencia a corte vaticana, no Castelo de S. Angelo mesmo a Roma eterna, nem mesmo no outro tempo, na aurora da civilização, os cortejos de Cezar, com as suas legiões, formidaveis armadas, aneis de aço e de ferro, em falanges, em centurias cobertas de poeira dos Gallas, de clarins e trombetas, de despojes enses com reis adornados, pras portateis, adalidas de rosas, mancheias de lanças e de espartes desfaldadas, e o troço imenso retumbante de milhares de bocas, a pebe romana, com o seu grito de extermínio victorioso o famoso «Avé Cesar!», enquanto este, no seu troço de marfim, calvo e voluptuoso, cingido da coroa bronzada de kuros e coberto com a cinta da penitencia, de sorriso ambiguo, no meio daquella apoteose ensurdecadora, e muitas vezes, fatal—nada disto transcendendo, supra, como espectáculo visual, a embaixada opulenta, domo grandezza formidavel que atravessa à esta tarde as ruas da Cidade, dilatando a emoção dos milhares de pessoas—a cidade despojou-se—que densamente se acumulavam no longo dia n percurso de dezenas de quilómetros.

O Museu dos Coches abriu hoje as suas portas. Todos os seus tesouros viram a luz do sol. Berlindas, seges, estufas, carroções tronos dourados, preciosamente conservados, nos seus estofos e pinturas, de talhas alios, de goivas milagrosas, verdadeiras bocetas de cristal, animadas das suas figuras autenticas, embaixadores, fiscaes, fumulos, acatafas, mócos da corte, clerics, um cardinal e um general, pagens, postilhões, homens de estribeira, de taboa, a pé e a cavallo, mar-

de plumas e de sedas, de condecorações e de metais fulhantes, casacas de seda, caboleiras empoadas, tricrões de veludo, numas nuvem, de reflexões de ouro e de brazas vermelhas—tudo isto, numa teoria admiravel, triunfal, puxada e ladeada por alazões e ginetes, de parelhas dobradas, telintando os seus telizes, os seus arreios de prata e de crinas enfeitadas perpassara, longamente, através da cidade, numa evocação imorredoura do que foi o grande seculo XVIII. São mais de cinquenta carros, de rodados ligeiros, ou, então, pesados e macios a romana, de talha monumental, com anjos oiserecentes, simbolos, figuras alegoricas e floccos liversas, em bela escultura de madeira, desprendendo-se das suas formas e lugares, como que voando, em grinalda, ou rodeando de um nimbo fantastico de gloria, os que lá vão dentro. E nada faltará na sumptuosidade do cortejo, que se estenderá ao longo de dois quilómetros, entre albardeiros, ruanceiros, estribeiros, archeiros, tudo de calção e meia fina, sacas verdes e azuis, em saia fina, verdes e vermelhas, de grandes botões de prata, ou, então, de um amarello quente que ofatalmiza os olhos, imprevisitos, na sua fuga ardente ao sol impiedoso.

Mas o cortejo, que vai deslumbrar Lisboa, desde os seus tombeteiros a cavallo, de porte marcial, ressoando, vibrante, os seus instrumentos, até aos carros de bagagens, puxados a bois enormes, duma arquitectura pezada com malhas de couro chapeadas de cobre a sua carrinha de verga, para os criados tipica e fresca, como uma aguarela, nas suas ramagens interiores,—entre os esquadrões do Marquez de Tavora, que na Junqueira hão-de perfilar-se em coadunancia sob o comando juvenil do lieutenant Almada Negreiros, aprumado sob o seu monoculo do seculo XX, como estatuas equestres, a passagem da cavalaria do reino, dos terços do conde de Lippe, numa decoração guerreira e pallida em que tudo é verdade, farda, e veiculos, bandeiras, armas, xairos, tudo mevos a gente que é outra, mas que parece de outro tempo, deste tempo famoso, de tal maneira sentem, vibram, com o espectáculo que representam.

E lá vêm, na sua estupenda reconstituição, como peça capital desta triumphal embaixada, recordada em colunas, coronadas de capiteis, com a figura da cidade entre a Fama e o Povo, tudo isto, cingido ao oiro, o celebre carro de Estado, de estofos e cortinas amarelas, de damasco rocagante, o embaixador, Raul de Carvalho, com as suas suicas grizalhas, a sua luneta impertinente, e o seu bastião de marfim. Ao lado, um molho de rosas vermelhas, o vestido da embaixatriz, Maria Clementina, de toucado alto, com bizalhos de diamantes, um pouco fatigada pelo sol, com um frasquinho de sais, occulto, num lenço, de rendas brancas, e tão pequenino que mal enxuga uma lagrima. Como isto é belo!

A galopado maravilhoso, um pouco lento, ao ralenti, não vão as preciosas berlindas desconjuntar-se, com centenas de fidalgos e pagens, o cardinal, muito velhinho, o fisco entrajado de negro, e um pouco blinso, o embaixador, que vai desgraciado as suas creden-

ciais e ajustando a melhor reverencia palaciana, nos salões do palacio de Queluz, esquadrões de cavalaria, o grande sequito, infantas e cavaleiros—toda esta mole imensa dum fulgor estraho, em que o dourado é a nota insistente e magnificente, verdadeiramente imperial, atravessa as ruas de Lisboa, desde manhã siltadas pelo povo, toda a cidade, toda a população, meio milhão de almas na explosão do sol, fulminada de espanto e de deslumbrante sumptuosidade.

O fogo de artifício desta noite

A sessão de fogo de artifício que esta noite, cerca da meia-noite, se queimado no Telo, em frente do Terreiro do Paço, constituirá um digno remate das grandes Festas de Lisboa. Da competencia que se vai travar entre os três mais afamados pyrotecnicos de Portugal,—um de Lisboa, outro de Lanhas e outro de Viana do Castelo,—vai resultar um espectáculo como nunca se presenciou na capital, nem por ocasião das visitas de Loube e Eduardo VII. Uma grandiosa final de fogo, com uma apoteose dedicada à Cidade de Lisboa, marcará o final dos festejos que em boa hora a Camara Municipal promoveu, e que tem ultrapassado em grandezza, brilho e ordem tudo quanto se esperava.

A entrada do publico nos talhões do Terreiro do Paço só se começa a fazer depois das 22 horas.

A tourada das festas

A tourada de ontem aproveitou das festas da cidade, e o Campo Pequeno encheu-se de forasteiros pouco habituados ao espectáculo de despojos a aplaudir. Assim disfrutaram de miriadas oveses os cavaleiros João Nuncio e Simão da Veiga, algumas vezes com justiça, e até os «matadores» foram aplaudidos, apesar de pouco terem feito e muito terem deixado de fazer por complacencia do «sintetismo».

Diz-se que é difficil lidar touros descombulados sem serem picados, e tem razão; mas por e serem picados com bolas que depois não saem nem á força de recortes que os inutilizam para a lide. E assim não ha maneira de julgar os touros, que ontem eram dos sr's. Inlante da Camara e desta forma foram prejudicados.

Por tudo isto o sector I se levantou e, ovacionando os sr's ministros do Interior, da Guerra e Comercio, que assistiam ao espectáculo, solicitou solução para o equivoque que há já um ano parecia resolvido.

Si a corrida integral pode defender os interesses dos ganadeiros e dos cañionados, valorizando os touros e livrando-os do prolongamento de sofrimentos, e seleccionando os toureiros, que terão de ser de qualidade—como no ano passado—e obrigados a concluir a lide, logicamente e sem subterfugios que representam uma comunidade para eles e um prejuizo para a cañion.

E o primeiro prejudicado é o sr. Segurado, porque ninguém mais do que ele tem sido vítima de incertezas que se arrastam em torno do que—repetimos—há já um ano parecia resolvido.—T. P.

Diabeticos Pobres

O touro oferecido pelo dr. Emilio Infante da Camara à Associação Protectora dos Diabeticos Pobres, e tirado ontem no Campo Pequeno, saiu ao n.º 9915, que pertencia ao cavaleiro Simão da Veiga, e será por este levado para a sua herdade de Pedrogão, em Montemor-o-Novo.

No São Luiz um grande nome:
RAMON NOVARRO
e um grande filme: **A MELODIA DO NILO**

No TIVOLI: um filme a quem ninguém deve faltar!
REUNIÃO
com os celebres artistas: **Diana Wynyard e John Barrymore**

Volta a falar-se do crime da rua 29 de Abril

A não falarem mais do crime da rua 29 de Abril determinou o Sr. Dr. Campos Coelho, no Tribunal da Boa Hora.

O condenado recorreu da sentença para o Tribunal da Relação e aquele, como já bem se sabe, confirmou a decisão da 1.ª Instancia. O Sr. Dr. Campos Coelho, seu advogado, tornou a recorrer desta vez para o Supremo, onde o processo subiu.

Nessa altura, porém, um dos catelicos da droga, que tinha a chave do segredo, resolveu contar o que sabia.

Novas investigações e é preso Joaquim Roque que confessou ser o autor involuntario do crime, confirmada, as suas declarações pelos outros catelicos do estabelecimento e pelo douto do mesmo, sr. D. João dos Santos.

Preendeu-se tambem este ultimo como encobridor, e as testemunhas perjuradas que haviam induzido a justiça em erro.

O novo processo é enviado á Boa Hora, e o delegado do Ministério Publico dá a sua querela contra os presos, sendo de parecer que o Roque devia ser pronunciado por crime voluntario.

Mas o magistrado que devia dar a pronuncia discordou da classificação do crime em relação ao Roque preferindo pronunciar-lo por homicidio involuntario. Vai o processo para o Tribunal da Relação, e este, por seu turno, despoheu todos os arguidos rejeitando a accusação de culpa. Nova recurso para o Supremo, o qual concorda com a decisão do Tribunal da Relação e não dá a sua parte respeitante em que se afirma que não deve ser pronunciado mais ninguém enquanto não seja julgado o primitivo processo e se mande á Relação tomar conhecimento da materia de direito em referencia aos novos arguidos. Vai novamente o processo á Relação, e a Relação entendeu que não há elementos de prova para manter a despronuncia de todos os accusados.

O sr. dr. Campos Coelho torna a requerer para o Supremo nos termos do numero 2.º do artigo 672.º e, baseado no percurso das testemunhas, pede a revisão do processo. O Supremo, porém, concorda com a doutrina da Relação e nega provimento ao recurso. Em face desta resolução foram todos os arguidos libertados das culpas que lhes eram imputadas.

Como a situação do chauffeur Oliveira em face desta resolução continua a ser indefinida perante o Tribunal e como elle deseja reabilitar-se perante a Justiça, o seu advogado vai requerer agora a revisão do processo. E' que depois do primitivo processo julgado pelo procedimento accusatorio o crime do crime, contra os encobridores e contra as testemunhas perjuradas.

A GARRETT
Lunches para casamentos

GRANDIOSO BAILE

Hoje ás 10 horas da noite no Monumental

Jardim Cinema

(ao lato)

Entrada 10\$00 para cavalheiros e 5\$00 para senhoras

Expedita Orquestra de «Jazz»

Servico de «A Garrett»

Pintar-vos porquê?

Se o Azule Vegetal Perfumado restitue aos vossos cabelos a cor primitiva, aplica-se facilmente, age naturalmente. A venda nas principais casas

São Luiz apresenta esta noite
RAMON NOVARRO
no filme com
MIRIAM LOY A MELODIA DO NILO

AS FESTAS DE LISBOA PROS

Uma antevisão da famosa que atravessa amanhã as ruas da c

As festas da cidade terminam amanhã em apoteose. Realiza-se a famosa embaixada do século XVIII, teoria doirada de carros triunfaes, coches, berlindas, seges, com figuras palatinas, indumentadas a caracter, seguidas dum numeroso seculo de crados, fâmulos, pagens, postilhões, cavaleiros, com os seus trajes bizarros e sumptuosos. Trata-se dum numero sensacional de beleza, formidavel no seu aparato decorativo, que só em Portugal se podia realizar, com a grandeza de que ele val revestir-se. Esta parte do espectáculo popular, que é tambem uma lição cultural de sumptuaria artistica, foi confiada a Leitão de Barros, admiravel evocador, que, como raros, sabe aminor os assuntos mais dificeis, pó-los de pé, em toda a sua complicada estrutura e maneio numa sugestão suprema de arte e de fantasioso.

A «sua» embaixada do seculo XVIII, na qual figurará o celebre carro do Estado, verdadeiro trono de ouro, primorosamente entalhado, que se fez agora, reproduzindo o antigo, deve ser, tudo o indica, um dos numeros culminantes, decisivos das lindas festas que se estão desenrolando em Lisboa.

Leitão de Barros, apesar de extenuado, concede-nos cinco minutos de audiencia, como um «embaixador» atarefado, do grande seculo XVIII.

O que vai ser a formosa embaixada? É-la a nossa antevisão fugidia, mas evocativa:

— O cortejo da embaixada do seculo XVIII é o que tem maior percurso. Obrigou-se assim a figurar a fazer um grande esforço para que o publico, sem aglomeração exagerada, pudesse presenciar-lo. Vai fazer-se toda a diligencia para cumprir um horario de partida e paragens nos varios pontos.

— Isso significa?

— Que o publico não se deve impacientar, pois é preciso reconhecer que, entre as dezenas de carros que saem amanhã, ha alguns que não rodam ha 40 e 50 anos e outros mesmo ha mais tempo. Por outro lado, os cavalos, arreios, jaezes, etc., apesar das afinagões successivas a que se procedeu, não podem ter a matematica certeza das coisas manuseáveis todos os dias — nesta época mecanica em que vivemos.

Outro aspecto:

— Como espera V. que o publico reciba o seu numero?

— Em silencio. As poucas palmas que se ouviram nos outros numeros — que todos as mereciam em grandes aplausos — foram dadas por estranhos ou por pessoas que lá fora têm assistido a espectaculos semelhantes. O nosso publico tem a mesma compostura numa grande festa ou num funeral nacional. Goza, em silencio. Só depois de tudo ele diz: — «Não esteve mau, isso é a consagração maxima».

— No entanto, o esforço posto ao serviço da embaixada é qualquer coisa de sobrehumano.

— Di-lo você, e eu não o contrariei! Por mim não fiz mais que reunir elementos. Ha, porém, que louvar o esforço dos operarios portugueses que, em seis semanas, por preços ridiculos, fizeram essa maravilha, que é o carro do Estado.

— A população inteira devia aplaudir essa demonstração viva da nossa capacidade de trabalho. Sem se sair dali

do Bairro Alto, foi possível erguer essa verdadeira obra prima, tendo, é certo, por modelo, a joia inestimavel de Belem, mas sem que uma mão ou um molde de gesso tocasse o carro antigo.

— A algumas horas do cortejo qual é a sua impressão acerca do que será o «clou»?

— Ninguém é profeta. Julgo, porém, que, além da figura da actriz Maria Clementina, que deve ficar admiravel, o grupo cuja figuracão foi confiada aos rapazes de Sapadores Bombeiros deve causar certa sensacão. Os fatos são riquissimos mas — o que é o principal — a apresentacão desses quarenta gymnastas é notavel. Julgo que nunca apresentámos nada que se lhe compare e mesmo em Londres onde a reconstituicão historica tem atingido a sua mais alta e completa expressão, nada do seculo XVIII se tem feito melhor.

— Mais algum trecho de supremo interesse nesse cortejo de maravilhas?

— Outro grupo que julgo tambem de singular valor é o conjunto dos pagens-mouriscos, cuja figuracão é feita pelos rapazes da Casa Pia. São notaveis em qualquer parte do mundo. Não é facil encontrar uma banda juvenil com aquela afilhacão e disciplina.

— Qual o pensamento que o orientou?

— O cortejo historico de viaturas foi longo e variado. Aqui tivemos de ir para a sumptuosidade, limitada a representacão do seculo XVIII. Se não fosse a dedicacão de todos os fornecedores — não ha nenhum que ganhe! — seria impossivel o espectáculo de amanhã. Damos ao povo um espectáculo que, se fossemos a pagá-lo em Paris, custar a muitos milhões de francos, e a sistemas tres centenas de contos, incluindo a construcção do grande carro em que todos os materiais são verdadeiros.

— Como foi possivel, em tão pouco tempo, pôr de pé a faustosa embaixada? Tambem não acreditava?

— Quando prepuz ao vereador sr. Pastor de Macedo, alma e iniciativa de todas as festas no programa que me pediu, a «Embaixada do Seculo XVIII», nunca supuz que fosse possivel em seis semanas, sem ninguém preparado para este esforço, o grupo evocativo que amanhã passará nas nossas ruas. O operario portuguez faz milagres!

— Quere salientar a colaboracão de alguma entidade?

— Quero. O ministério da Guerra — á frente do qual está alguem que compreende e sente a beleza das grandes evocacões militares, foi o nosso grande apoio. A marcha da cavalaria do marquês de Tavira, que galopará a Juazeira — onde outrora fez os «exercícios grandes» em honra da filha de D. José — e que vai comandada por um alentejo afilhado do nosso exercito — o tenente Almeida Negreiros, de lanceiros 2.º — e uma pagina puramente militar, que eu quiz erguer em homenagem, justamente, ás enormes facilidades que o exercito nos deu.

A embaixada levará um formoso ramo composto de 40 rozas de especies diferentes, que oferecerá á esposa do chefe do Estado.

O concurso das marchas no Parque Eduardo VII

Com a exhibicão das marchas populares, que se realizam esta noite nos seus proprios bairros terminam os numeros das festas em que se apresentavam os pitorescos ranchos baizeristas de Lisboa.

A exhibicão das dansas e descanças, no Parque Eduardo VII, perante uma multidão que se pode computar em 40.000 pessoas, terminou de madrugada.

O concurso das marchas

A exhibicão começou muito depois da hora marcada, apenas pela dificuldade que as marchas tiveram em entrar

no Parque. Das 11 e 45 ás 3 da madrugada, porém, regulado o transitio e acomodada parte da multidão — este numero do programa desenvolveu-se com a maior serenidade e o mais suggestivo entusiasmo.

Este concurso de dansas e descanças — como se disse varias vezes — não contava só por si para a classificacão. Das doze concorreções que o juri estabeleceu, o concurso representava apenas duas dansas e cantares. O grande desfile da vespera incluia dez concorreções, que na madrugada de hoje foram simplesmente re-listas ou ratificadas. Na vespera, o juri assistira, na Avenida, ao desfile do cortejo, e antes da exhibicão desta madrugada, pôde confirmar o seu criterio, observar de perto os aros e as figuras, estudar a indumentaria e reconhecer o «conjunto» de cada marcha.

Os doze ranchos apresentaram-se no concurso brilhantemente e o publico aplaudiu com entusiasmo as dansas, descanças e marçacões que melhor impressão lhe deixaram. Ajuda, Benfica, Alfama, São Rios, Mouraria, Alcantara, Campo de Ourique, arrastaram palmas vibrantes. Santo Amaro, Alto do Pinheiro, S. Vicente, Bairro Alto e Mouraria foram igualmente applaudidas: umas pela sua alegria, outras pelo rigor e acerto da marçacão, e ainda outras pela singularidade e a atençao do juri.

Entem, algumas marchas foram prejudicadas, perante o juri, por terem excedido em muito o tempo que — como elas sabiam — era limitado a dez minutos, em igualdade de circunstancias para todas. A Mouraria, talvez por ser a ultima, e entrar no estrado sob a pressão moral dessa circunstancia, prejudicou-se num engano da marçacão, apesar de poder repetir o numero. Qualquer delas, porém, perdeu apenas dois pontos, entre os 36 que podiam somar.

O espectáculo teve movimento, cor, sentido artistico, pitoresco e um belo cunho popular.

A classificacão do juri

O juri, após a exhibicão, ás três horas da madrugada, reuniu-se para estabelecer as classificacões, que viriam já da vespera, no cortejo.

Recolhidos pelo presidente do juri, sr. Luiz Pastor de Macedo, em representacão do presidente da Camara Municipal, todos os boletins de apreciacão dos valores nas doze concorreções, verificou-se que uma das marchas — Alfama — obteve o maximo dos pontos, em todos os boletins e em todas as consideracões dos nove componentes do juri, sem excepção, de tal modo que nem discussão ou revisao foi preciso fazer. Na alguns boletins obteve os 36 pontos maximos e noutros 30, 28 e 26.

A Madragoa — que se lhe seguiu — obteve 27, 26, 24. No somatorio, a Madragoa ficou a nove pontos de diferenca, não a tendo prejudicado, pois, os dois pontos que perdeu pelo excesso de tempo.

A valorizacão das outras marchas não ficou muito distanciada, mas ainda assim o suficiente para os dois pontos que algumas perderam não terem influído na classificacão.

As marchas de Alfama e da Madragoa seguiram-se as dez restantes em igualdade de circunstancias e igual premio, mas segundo as suas caracteristicas. A marcha de Alfama foi atribuido o «Grande Premio da Camara Municipal», pela regularidade (unica que conseguiu esta classificacão) e pelo conjunto maximo de valores tipicos, pitorescos e artisticos.

Os premios foram depois adjudicados pela seguinte forma:

Madragoa, o 2.º premio, de caracter tipico e merito de conjunto.

Ajuda, o premio de aprumo e merito de conjunto.

Benfica, o premio de alegria e expressão local, e merito de conjunto.

Diario de Lisboa

<p>Numero avulso: 30 CENTAVOS Administrador e editor MANZONI DE SEQUEIRA ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rosa, 57, 2.º Endereço Telegrafico: DIBOA</p>	<p>DIRECTOR JOAQUIM MANSO</p>	<p>Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e impressão RUA LUZ SORIANO, 44 TELEFONES - 2 027, 2 0273 e 2 0273 Endereço telegrafico: DIBOA</p>
--	--	---

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

AS FESTAS DA CIDADE

D. João I, de volta de Aljubarrota

entra solenemente em Lisboa

Uma evocação admirável de Leitão de Barros
atravessa as ruas da capital num cortejo de beleza deslumbradora.



Uma linda amazona que figura no cortejo de hoje

Lisboa inteira assiste a esta apoteose de beleza e de maravilha. A multidão comprime-se, limalha frenética de ansiedade, quimera de cem mil cabeças, desde os areais de Belem, faulhantes de sol, onde o mar acaba, até aos campos verdes de Alvalade, onde a historia começa. A cidade está vazia. Parece um cemitério de casas. São cinco, oito quilómetros de povo, desdobrado em duas alas, comungando em silencio, ante a visão que se aproxima, e já rola, vinda dos limbos do tempo, cinco seculos atrás. Uma luz dura jorra do céu em chamas.

Atravessa tudo, crispando até a angustia os rostos dilatados da espera.

inverosímil. É que D. João I de Portugal volta de Aljubarrota, com os seus terços, as suas mesnadas, as suas falanges, as suas coortes, e, como nos triunfos romanos, a cidade roja-se a seus pés no delirio das ovações, cabeça dum mundo novo que vai nascer. A impressão é brutal. Anulam-se no tempo as distancias, nesta retrospectiva suprema, que tem a animá-la em vida, em grandezza, em sumptuosidade o talento galvanizador de Leitão de Barros. É um exercito, que vem dos campos de batalha, com as suas flammaes, lanças, trons, peões e besteiros, ennobrecido pelas linhas da cavalaria fidalga e toda a corte, tatal e donatário-

sa, donos e pagens, a rainha e os bispos, os Infantes montados em palafrems, de sangue mourisco e as donzelas, com as faces vermelhas de pejo, sentadas nas liteiras, como em bocetas de veludo e de cristal. Um arripio de febre percorre as primeiras filas da multidão. O desfile, numa dourada e gloriosa teoria, onda tumultuosa, rompeu agora sob um coroadado de charamelas, logo atrás na diversidade dos trajos, das armas e da carriagem, o cortejo em anéis esplendorosos, alto de balsões e de bandeirolas. Tenditas, elmos emplumados, palios de brocado, andas, gualdrapas, mancha policroma, dourada como a

cauda dum pavão, onde as joias, os baculos, as mitras, as coroas, os elmos, os arnezes, cocares de plumas, as testeiras rostrais, dos murzelos, chispam como brasas, no vermelho ardente de labareda e de sangue que dardeja no solo, num rastro inextinguível.

Mas as charamelas - as longas, estas guarnecidas de bandeiras, ressoam heroicas num hino de victoria. Notas vibrantes saem das gargantas de metais, e o desfile começa, ora lento e processional, ora em rajadas fulgurantes, nesta tetralogia admirável

(Ver continuação na 5.ª pagina)



Um soldado de Cavalaria 7 que representa no cortejo a figura de Nnn'Alvares



Não deixe Lisboa
Sem comprar
um Sabão Gibbs
para lavar os
Dentes
Encontra-se
nas boas lojas.

A Cidade



Leve consigo
Uma bisnaga
de Creme Sabão
Gibbs para fazer
a barba.
Em todas as
boas lojas.

LISBOA EM FESTA

O cortejo medieval desta tarde

constituirá um dos mais grandiosos espectáculos do nosso tempo na vida da capital

(Continuação da 1.ª página)

de historia, de heralismo, de graça e de beleza. A Patria acordou. Ela que desfilava na epopeia de outros tempos. São os seus templários, de manto branco e cruz de Santiago, floridizada em sangue, nos peitos heroicos. Depois os juizes, de gorra eguantes vermelhos, túnica negra, severa da verdade dos Deuses; logo os fidalgos, mantos ricos de brocado, verdes, ames, encarnados, chapéus borgonheses, amanteados ou de plumas, grandes cabelos hirsutos e mãos de pele grossa, caeladas pelos copos das espadas. Um alto, e a multidão cai em extase, ante a majestosa e divina aparição de Nun'Alvarez. Vem com ele, em guarda de honra, os chamorros de Aljubarrota, dalmatica armorada de ouro ou prata, em campo vermelho e azul sob o arnés polido e aboado dos ferros golpes dos castelhanos. Parece uma estatua — e nunca uma estatua foi tão bela e humana, dourada, aureolada pelo Sol, que a funde, no bronze e no ouro da eternidade. Sobre o cavalo de guerra, nobre e ligeiro, ricamente guarnecido, com o braço do orgulho, uma armadura rutilante, esplendida de aço fosco, nua de golpes, brandida de azul, constelada por um elmo enorme, rugulento, onde se desenha a cruz grega, de braços iguais, circundada, em lisouja, por duas aguias crispadas e invencíveis.

Então, o povo, num movimento de assombro, ante a visão incarnada, avança num impeto, como querendo arrancá-lo ao seu destino de gloria e de morte. Não é uma profanação, mas uma ressurreição. Drapajam mais vivamente as bandeiras, castelos de ouro de Portugal, acareladas de prata, cruces verdes de Aviz, bordadas em seda. Mas ha mais maravilhas. D. João de Portugal passa agora, semelhante talhado de cetrizetes, duro e picado de varíola, cavalo carregado de aço, em anéis e escamas cinzelados, mal se vendo o xairre de pele de pantera. No arnés incrusta-se o braço, sem uma mancha, e no elmo dourado, cingido da corôa, onde rubis sangram e diamantes falcem, um grifo alado, de lingua bipartida, atela-lhe a fronte activa como uma torre sobre carregada de ameias. Vem com ele os senhores de Borgonha, outras bandeiras e outros escudos, num tropel de armas, guantes, de malha, cerviñeira, vizeira erguida.

O rei passa e vê-se ainda ao longe o lenço, com as suas amas, que lhe flutuam no elmo cor-scante. E o cortejo passa, dezenas de liteiras quadradas ou em arco, puxados por mulas gualdrapadas, de vermelho e negro, em listas obliquas, de acastão, roxo e de lilaz, lentamente balançados, com a sua carga preciosa de dzmezas, fatigados da jornada, com os seus vestidos pesados de veludo, amaranto e opala, numa nuvem de rendas, e de escumilhias, peneados goticos, sorrindo a multidão, que não cessa de aplaudir, as mais belos rozas da galantaria joanina.

Ha um coro de alaúdes e de cítaras, que mudecos e pagens, trovadores e menestrels, sobre os cantares de amigo vão harpejando, em suaves e foxos recordes de amor. Ouve-se o pezado rodar duma carrinha, que um tiro de cinco mulas, com belizes riegados, arrasta lentamente. São mais flores da corte de D. João, talvez as mais lindas e pulcras, entre uma revoadada de donzellas a cavalo, sessenta ou mais, em muezas, finamente ajazeados. São castelãs de outro tempo que só apparecem nas fluminuras dos livros de horas,

pombas e colibris, cujas asas em rendas de Malines e de Venezia esvoaçam numa onda embriagante de perfume. Mas ha mais maravilhas. Eis a rainha, loira e branca, nas suas escumilhias a um tempo activa e delicada de graça, ventre sagrado de herois e tão alta que parece ofuscar o sol. Vem na sua liltela real, de arquitectura gotica, prateada, guarnecida de escudos, vermelhos e dourados, entre uma teoria de passavantes, que quasi desaparecem sob as bandeiras, multicores.

Na sua cabeça, onde os cabelos fultvos rebrilham como um diadema, a corôa enorme, parece um resplendor. É um reflexo de beleza que cega. Ela perpassa lirta, no seu trono, sorrindo ao povo, fóra do tempo, vivendo em sonho a hora que passa. Depois é

o delirio, a imalidade. As longas atroam os ares. Mais bandeiras, agora as dos incultos infantes. D. Henrique monta um cavalo gualdrapado de brocados. Vem todo de negro, do chapéu aos pés, duro e ascetico. Agora mesmo saiu das tabuas de Nuno Gonçalves. Mai sorri, carro fechado rosto cortado pelos ventos de Sagres. A seu lado, D. Pedro, o das «Sete Partidas», olhos que viram o mundo, mas não o amor. Um manto azul pende-lhe dos ombros, ocultando a sua oota de amas. Trás uma pluma no gorro — e sorri, contente e humano na embriaguês da festa. D. Duarte, sabio e universal, vem de gibão preto, manto e chapéu verdes, collar de ouro, cavalgando á direita solta, D. Fernando, já predestinado para o martirio, quasi se apa-

ga, entre os irmãos, no seu traço simples e sombrio.

O desfile continua, apoteose interrompida, na sua extensa figuração que parece um arameado as tapeçarias de Pastrana, em pormenores duma eloquencia de visão sobrenatural.

Agora são os bispos, sob os palios brocados de ouro, mitrados, de cruz dupla, entre chamas triangulares: os ciriaes a arder; fidalgos de todo o mundo, pedrarias, veludos, espadas, a ala dos namorados, com os seus arnezes e os seus balões, besteiros, em falange, bravos e indomitos, de elmo simples, os trons pezados, que lentamente rolam, mais homens de armas, mais fidalgos, jograis e bobos, cortejo triunfal, enorme e grandioso, que passa sempre e não acaba nunca, com manchas violentas de cor, onde o vermelho e o ouro dominam, entre uma multidão de estandartes o coro das longas e das charameias, o tropear dos cavalos, o arruido das armas, a graça captiva das mulheres, os elmos imperiaes do rei e do condestavel, a nobreza de França, a gahardia dos cavaleiros portugueses, a beza ofuscante da rainha, a atives mardal dos principes e dos infantes — tudo isto, evocado em gloria, num espectáculo admiravel, atravessou hoje Lisboa a esta hora suspensa de maravilha — e de encanto — como que não terminaria.

O fogo de artifício desta noite

É esta noite, ás 23 horas, que se inicia a deslumbrantissima sessão de fogo de artifício no Tejo, em frente do Terreiro do Paço. Como se sabe, são inúmeras as dificuldades a vencer para se conseguir um espectáculo perfeito de fogo no rio, e só devido ás extraordinarias facilidades concedidas, com a maior gentileza, pela Administração Geral do Porto e á boa vontade de todos os seus funcionarios conseguiu a Camara Municipal remover todos os obstaculos e proporcionar a Lisboa um espectáculo de surpreendente efeito.

Tambem os servicos dependentes do Ministerio da Marinha colaboraram muito amavelmente nos trabalhos necessarios ao bom exito deste sensacional numero do programa das Festas.

O concurso de montras

Contam-se por milhares as pessoas que num interesse sempre crescente têm visitado as ornamentações das montras da cidade, e sobretudo as da Farmacia Teixeira Lopes, na rua do Ouro, curiosamente ornamentadas com imaginação e bom gosto, apresentando aos forasteiros além de dois pequenos altares dos santos populares, a estrada celeste cheia de peregrinos todos carecos, que ao chegarem junto das portas do Ceu, têm ali a esperá-los S. Pedro que lhes recusa a entrada, indicando-lhes que para terem esse direito tem de usar diariamente o milagroso renovador «Ruth», tónico biologico para o cabelo, unico especifico cientificamente preparado que existe no mercado, aconselhavel para restaurar e dar aos seus cabelos brancos a sua coloração primitiva.

Merece ser vista a montura na casa de artigos fotograficos de Julio Worm, na rua da Fresta, 125-127, decorada com gosto e de forma a merecer bom lugar no concurso.

A «Marcha da Mouraria»

A Marcha da Mouraria teve ontem um extraordinario exito na «Ronda dos Beltrãos», acclamando-a entusiasmadamente quanto puderam vê-la. Na calçada dos Cavaleiros foi oferecido á «Severa» da Mouraria, por um grupo de senhores, um lindo ramo de cravos.

A «Marcha da Madragoa»

Betiveram hoje na nossa Redacção os dirigentes da Marcha da Madragoa que vieram agradecer-nos as referencias, aliás justissimas, que lhe temos feito.

MILAGRES QUE SANTO ANTONIO PODERÁ FAZER

Voltar de novo á terra e dizer aos peixes esta verdade que os homens recusam — «Não tires ao teu semelhante nem o pão, nem a alegria, nem o sono.»

Obrigar os que querem a verdade toda para si a deixar aos outros a liberdade de ver ao Sete-Estrela o mensageiro da sua angustia.

Convencer os abissinios dos beneficios da civilização européa, de modo que, sem saírem do seu territorio, aprendam a andar de rastos e contentes.

Conceder aos pobres o que os ricos reservam para cilícios e penitencias.

Dar talento e pudor aos que roubam as obras alheias, para perceberem a enormidade dos seus delitos.

Conseguir que D. Miguel de Unamuno escreva um livro com o seguinte titulo — *Da importancia das cousas inúteis.*

Levár o escritor-pintor-conferencista-dramaturgo-fabulista Almada Negreiros a congregar os novos e os velhos, convencendo-os de que, neste mundo, o espirito paira muito acima da materia — o que forçará os primeiros a entrar na vida com fé e confiança, e os segundos a sair dela sem mancha nem temor.

Estabelecer duma vez para sempre que o dinheiro compra tudo, menos a consciencia do justo e a patidez dos condenados.

Explicar aos cegos que á luz do dia se cometem torpesas e infamias das quais eles nunca terão noticia nem pejo.

Ajudar os homens que buscam trabalho a encontrá-lo, aliviando-lhes de magoas o coração.

Ensinar os que vivem de noite e regressam a casa com os olhos pisados e longas rugas na fronte como a saude se conserva com prazeres simples e honestos.

Sujeitar os oradores ao supplicio de sómente falarem, quando a sua palavra tenha sentido.

Arrastar os avarentos á tentação de ofertarem os bens que mal adquiriram ás suas victimas.

Colocar o vaidoso na situação de reconhecer que os elogios são contrarios á sua tendencia para aumentar de volume.

Considerar o traidor como muito digno de, com os trinta dinheiros da traição, constituir familia, pagar tributo a Cesar e desonerar-se do remorso por peque nas esmoltas aos desvalidos.

TRADIÇÕES ALFACINHAS

Desapareceram os arraiais dos bairros

e com eles o pitoresco popular da noite de Santo Antonio

No tempo em que eu era rapaz, o Santo Antonio em Lisboa era a vespera de Santo Antonio nas ruas, por esses bairros todos de portas a portas.

Como nasci em Lisboa—e já lá vão quasi 70 anos—não precisei de me adaptar à vida bairrista, que é o que sucede aos que da provincia descem à capital para tentar a vida, e por cá ficam, e se tornam alfacinhas à força de tempo e pela influencia dos costumes.

No tempo em que eu era rapaz—os que não eram de Lisboa iam bailar os seus bailes de roda para o Rossio, que era como se fosse um grande largo da feira da terrinha natal: harmonies e descantes—afinal de S. João, porque Santo Antonio é de Lisboa.

E tudo se passava nos bairros, que já desde a «Espiga» andavam em comissões de «velhos Silvas» a tratar de angariar placas de prata pelos «comerciantes e patacos grossos e depois tostões de níquel pelos «fabricantes das fabricas» e operarios das oficinas.

Os arraiais iam de ponta a ponta do sitio, e as ruas ligavam-se umas às outras no estendal enfeitado, um coreto alto de três em três esquinas. Em verdade, o Santo Antonio começava no primeiro sabado do mês e acabava—em S. Pedro.

Havia a praça da Figueira—do senhor D. Antonio de Melo, que ainda existe, graças a Deus, e de seu pai a tomou—e a praça da Figueira era publica. E os patios, os duzentos patios de Lisboa, engrandavam-se de festões, tudo recortado ingenuamente em papel de seda, com bandeirinhas que faziam fru-fru ao vento, e eram encarnadas e chegavam brancas ao S. Pedro, lavadas por dois luas.

Isto ha mais de meio seculo; ora se há!

E ha vinte anos, já na Republica—que não deu cabo do Santo Antonio—e ha dez e ha cinco anos ainda, os arraiais nas ruas, nos largos, nos bécos, nas travessas dos bairros, viviam na força da tradição, com a grande nota pitoresca alfacinha de todo o ano, de Belem ao Beato.

Já eu começava a ser velho, com sessenta Santo Antonios bem acomodados na retina, ai por 1933 e 34, e ainda Santo Antonio era o santo popular, numa nuvem de adereços e de bizarras, que seria um nunca acabar: bailaricos de toda a sorte, polcas e depois marchas, copradas de um tronco de madeira, pratinhos de arroz doce às soleiras das portas, balões a correrem o arraial e não chegavam ao fim acesos, maciços de verdura, tendas de refrescos e de comês-e-bebes improvisados, mais gente nas ruas do que nas tabernas, pares que começavam a dançar no Castelo Picão e acabavam no Quelhas, em S. João da Praça e acabavam na rua do Vigarão, na rua do Capelão e acabavam em Santa Marinha, na rua do Norte e davam volta à Alalala toda, na Trabuçeta e desfilavam derreados na Fonte Santa.

Isto acontecia ainda quando os que são rapazes ainda, eram rapazinhos. Em verdade antontem.

* * *

Ora isto já não é assim. E faço a minha respeitosa representação ao sr. presidente do Senado Municipal, no sentido de providenciar, em defesa das tradições exteriores do Santo confiado à sua Casa e guarda.

Arranquei com minhas trópicas pernas do meu bairro da Bemposta até à «cidade», dei as mãos a dois netos, que tomaram já o jeito de não ter sono na vespera de Santo Antonio e fui ver a vespera de Santo Antonio, como se fosse de ha quatro anos.

Não ha encontro, senão nos arredores da praça da Figueira. O «americano» levou-me a Sé «Corri a Alfama toda. Já ja descorçoado de topar um arraial, o já não sabia que dizer aos dois miúdos que me não deixavam: «avó, onde está a vespera de Santo Antonio», quando cheguei a Santo Estevão, e encontrei um arraial na rua Guilherme Braga—um arraial anima-

dote, com cinquenta metros de extensão, e ainda de Santo Antonio, enxertado do fim do mês transacto. Andei pelo Salvador, S. Rafael, S. Miguel, Regueira, Chafariz de Dentro—e nada. Só as tabernas à cunha.

Na rua dos Remedios encontramos um arraialzito no Beco da Lapa ou dos Ramos. Coisa de presépio.

Subi a S. Vicente, a Graça, a Santo André. Gente nas tascas a ouvir telefonia a discutir a bola. Mas ouvi musica de uma valsa lenta; era no largo de Santa Marinha: o terceiro arraial após uma hora de descobrimentos.

Escolas Gerais outra vez. Castelo, Limoeiro—e nada!

Tomel outro «americano»: «Ora vamos, rapazes, ao Bairro Alto».

E fomos: nada! Nem um baião, uma grinaida, um assobo. O Bairro Alto arrasado de solidão; parecia a rua do Ouro ao domingo a noite.

Na Bica um ballarico na travessa do Cabral; na calçada do Combro, no patio ligado aos Paulistas, uma função paga de fados. E por ali fora—salvo, já me doi as pernas—até à Esperança—na esperança de achar a vespera alfacinha de Santo Antonio.

No caminho, nada: tabernas à cunha. Enfim a Madragoa: um arraial luzido, vistoso, musical, na rua das Madres. Só nesta rua: o resto da Madragoa para a Lapa e Mocambo, para o Machadinho e Queilhas—nada!

Toda a cidade bairrista envolta em tristeza, quebrada, como em focos isolados de alegria tímida, aqui e ali.

Alcantara, Junqueira, Fonte Santa—silêncio e penumbra. As tabernas cheias, e nas «grafonolas» da T. S. F. com as notas de carnaval teatrado e imprevedente.

Em A caminho de casa—vamos pela Mouraria.

O Mouraria que te quero vêr! Nada! Nem Capelão, nem Amendoeira, nem Coleginho, nem João do Outeiro, nem Lagares.

O Arco cabeceava encostado ao cunhal do Alegrete, e pelos Alamos as biforadas de azeite requemido.

Voltei à Bemposta. E desculpei-me diante dos netos dizendo que «Santo Antonio está doente».

* * *

Ora a que attribuir isto? Eu digo.

No tempo em que eu, e mesmo os senhores, eramos rapazes—arranjava-se uma comissão em cada rua, pedia-se a licença baratinha ao Governo Civil e pronto—arraial de pé, quasi sempre com a dança empenhada, mas com alegria que chegava para todo o ano.

Mas agora não; e proibido. Ouvi que o sr. governador civil era de opinião que deixassem o povo fazer os arraiais que quisesse. Mas que foi vencido por algumas razões, e entre ellas a defesa dos festejos na Praça da Figueira, que têm caracter beneficente.

E assim, os festejos locais bairristas—sete ou oito em toda a cidade, para duzentos do meu tempo—apenas são consentidos sob a responsabilidade das Juntas de Freguesia.

Os meus dois netos não me perguntam, porque já estão a dormir—o que é que tem que vêr «uma cousa com a outras». A alegria dirigida—e anti-tradicional.

Mouraria, Alcantara, Alfama, Bairro Alto, Madragoa—sacrificadas à Praça da Figueira, é uma afronta à Praça da Figueira, que ha 80 anos faz o Santo Antonio sem se intrrometer com Santo Estevão, e S. João da Praça, e Santo André e S. Roque.

E resolvi, pois, representar ao sr. presidente do Senado da Camera, em nome da «Casa dos Vinte e Quatro», os 24 mestrelais de officio representantes de 24.000 alfacinhas que encontravam certa ternura confortante, certo pitoresco incoerente, e um certo gosto português—na vespera bairrista de Santo Antonio de Lisboa.

No tempo em que eu era rapaz... No tempo em que o sr. tenente-coronel Lobo da Costa e o sr. engenheiro Duarte Pacheco eram rapazinhos...

O VELHO SILVA

MAXIM'S

HOJE — Dia de St.º Antonio **GRANDE FESTA DE NOITE**
distribuição de mangericos e cravos de papel

Variedades por CARMEN MONTAÑO, POLITA BEDRÓS e SISTERS MAY

A esta festa assistem os passageiros do vapor inglez "VOLTAIRE"

DL 12.06.1936, p 8

Retiro da Severa

RUA ANTONIO MARIA CARDOSO, 5 — TELEF. 2 5979

HOJE, ás 21 horas, na **ESPLANADA**

Continuação das grandiosas

FESTAS DE S.º ANTONIO

O "Record," dos Festejos Populares, só o consegue bater "O Retiro da Severa,". Baile abrilhantado por um "Cavalinho..

No programa: **JUDITE PINTO, Maria Albertina da Silva, Augusto Pereira, Jacinto Pereira,** e todos os artistas privativos disponiveis esta noite.

Seleccção rigorosa

DL 12.06.1937, p 8

Retiro da Severa

RUA ANTONIO MARIA CARDOSO, 5 — TELEF. 2 5979

Hoje: Inauguração da esplanada. Grandes Festas de Santo Antonio. A's 22 horas baile abrilhantado por um "cavalinho," fados e canções de Coimbra por varios artistas cantadores, dos quais fazem parte **Berta Cardoso, Judite Pinto, José Porfirio e Xavier Pinto** (Rouxinol do Miho).

Amanhã: "Matinée," ao ar livre, ás 15,20 horas, com **Adelina Silva, Alfredo Marceneiro e Alberto Costa**

ANTIGO SOLAR D'ALEGRIA—Praça d'Alegria, 56—Tel. 24290

Hoje: Inauguração da explanada com os artistas; Maria Carmen, Lucilia do Carmo, Modesto Maia, Domingos Silva, Filipe Pinto, Renato Varela, José Marques Amaral, etc. — Sensacional desgarrada de fados. — Variações por Fernando Freitas, Domingos Gomes e Armando Machado.

Dias 23 e 24: Sumptuosas festas a S. João com um programa extraordinario.

ARCADIA

Hoje: Vespera de Santo Antonio. Grandiosa Festa com distribuição de mangericos.

2 Orquestra 2 que executarão um variado programa de musica popular.

Variedades — 17 Artistas Internacionais 17

American Revue (**Estreia**), Trio Floresco, Trio Floridor, Ana Maria, Maria del Bosque e Angeles Madrid. — **Vistasas ornamentações.**

DL 12.06.1937, p 8

Noite de Santo António



Imagem que se venera na cripta da igreja de Santo António da Sé. — Dela foram copiados os tronos populares

É a grande noite festiva popular á sombra do devocionario português, a de Santo António. Não sabe o o povo as causas bem ao certo como elas se passaram, ignora, de uma maneira geral, que o santo taumaturgo—que se chamava Fernando e não António—filho de D. Martinho de Bullhões, nasceu vai fazer em agosto 749 anos, ali ás pedreiras da Sé, em cujo templo foi baptizado e onde foi menino de cúro antes de fugir, aos 16 anos, para S. Vicente. Também não se recorda o povo, se é que vez alguma o soube, que faz amanhã—13 de junho—713 anos que António, franciscano de fama universal, morreu em Arcella, arredores de Padua, na Italia, apenas com 36 anos de idade, depois de ter feita a viagem desde Camposampierre onde aloccera, num carro de bois.

O que se sabe de ciencia certa é que Santo António fazia milagres, livrara o pai da fôrca, falava aos peixinhos, concertava as bithas ás moças casadoiras e estas verdades fabulosas é que fazem a historia popular.

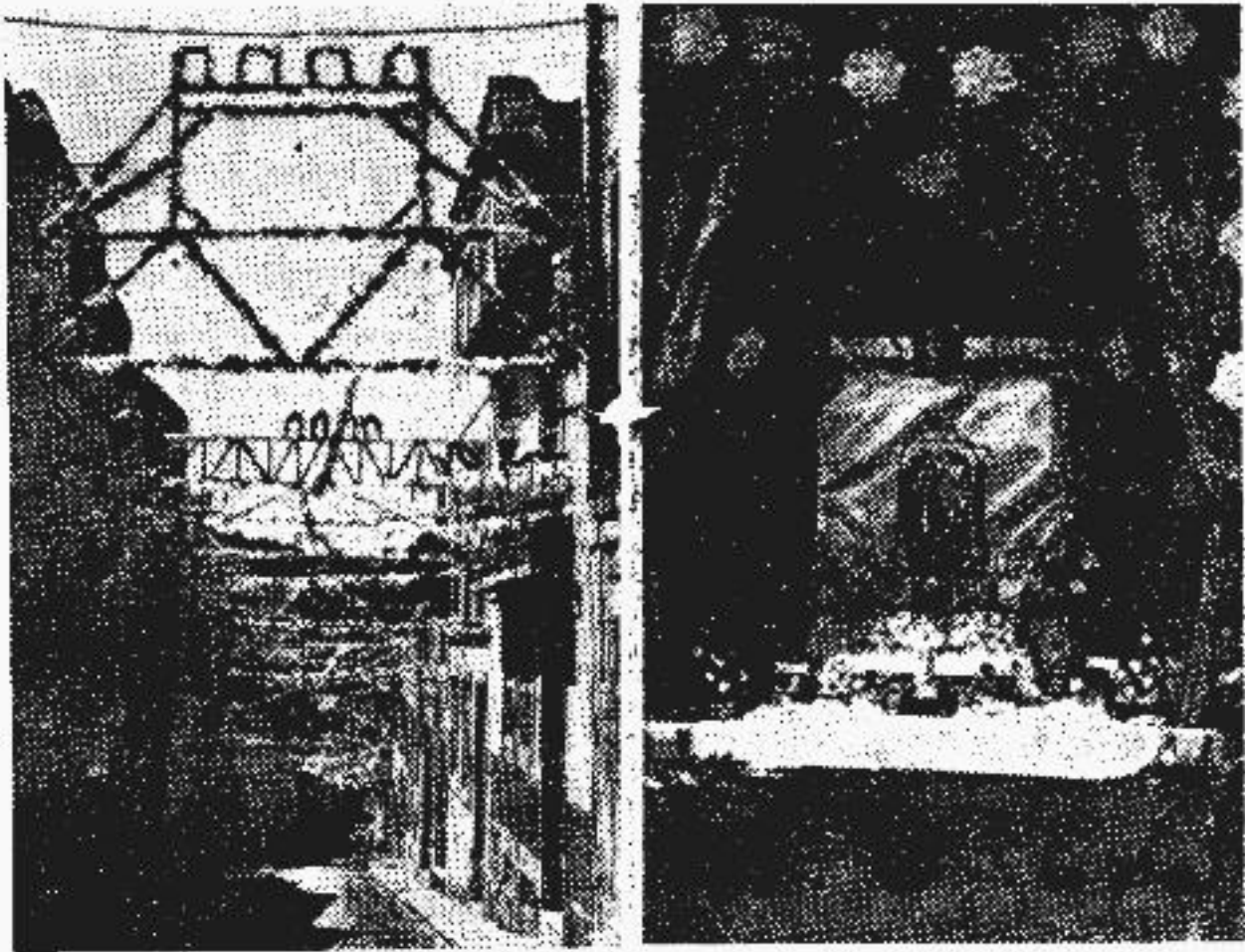
Santo António, coronel do Exército português—só de 1810 a 1814, em effigie, assistiu a oito grandes batalhas e saiu victorioso em onze pequenos combates—tem seu nome legado a duzentas e cinquenta povoações portuguesas, e em Lisboa consagraram-lhe ruas, praças, templos, capelas, oratorios muitos dos quaes perduram.

A noite de Santo António—popular e folgazã—precedia de algumas horas as festividades religiosas que na area do Patriarcado tiveram renome. Descantes, haïaricos, romagens, mangericos cravos de papel, versos de pé quebrado; bandas, toadilhas, autos. Através do teatro, da musica, da literatura, da arte, da inspiração erudita e popular—ficou ligada a historia patria. O povo, porém, foi quem melhor o susteve, com o seu Menino Jesus no colo, a sua diafandade mistica, quasi infantil, que forçou o realismo iconografico.

Em Lisboa, presentemente, a noite-vespera de Santo António, é pouco haïrista. Os patios e os becos não esqueceram, certamente, o Santo português, tão lisboeta como a Casa do Senado, que era de Santo António. Mas as cousas são assim. A noite de Santo António é a Praça da Figueira, agora a Feira Popular—pouco mais.

Mas ainda é noite de Santo António, com balões e grinoldas, esteiros e assobios de barão—á moda do seculo XV, quando os alcaides os proibiam «por demasia», com bailes e danças de roda.

As tradições antonianas que resistem, e duram até—ao S. João.



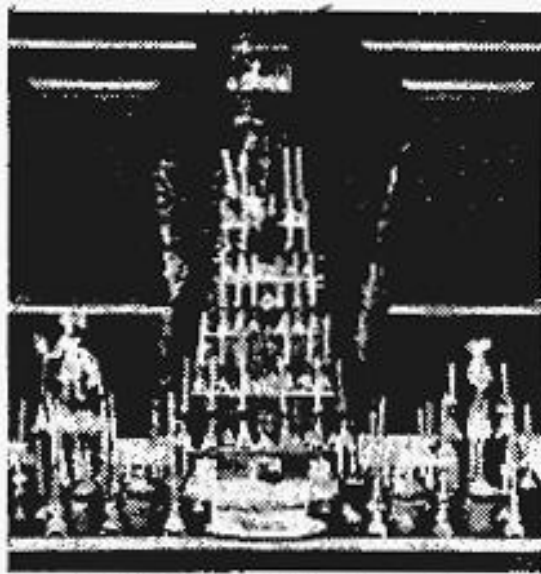
Lisboa guarda as suas tradições. Hoje, véspera de Santo António (mas onde estão os manjericoes?...) a população dos bairros mais típicos da capital deu-se a brios para engrinaldar as suas ruas para os bailes de logo à noite. Não há os balõezinhos de velas de estearina, mas as lampadas eléctricas fazem brilhantemente a sua obrigação. O Bairro Alto, com os seus velhos brios, resolveu este ano paramentar-se a rigor e a capricho, retomando entusiasmos que pareciam esquecidos. Para isso, formaram-se comissões que tomaram a seu cargo decorar as ruas, com arcos de verdura, bandeiras e grinaldas. A Rua Nova do Loureiro, (em cima, à esquerda), que vai do Conservatório à Cruz do Soure, encheu-se de entusiasmos e pede meças com a vizinhança. Também o concurso de tronos de Santo António pôde atrair atenções, como se documenta à direita, com este graciosíssimo modelo exposto a uma porta da Rua de S. Boaventura. E, logo à noite (o vento, ontem, pastou e deixou que se instalasse lépida calma) não faltará música moída em série pelas telefonias que se debruçam ao longo da enfiada de janelas...

UM CONCURSO POPULAR



60 tronos de Santo António

foram hoje vistos pelo júri que os há-de classificar



*Trono de sentido litúrgico,
na Rua do Norte*

O concurso popular dos tronos de Santo António, promovido pela Câmara Municipal, animou extraordinariamente os bairros a que dizia respeito: Madragoa, Alfama, Mouraria e Bairro Alto, e redondezas.

Hoje, dia destinado ao júri conhecer dos méritos e graças dos tronos, as ruas típicas encheram-se de gente gaudente e miudagem. Deve dizer-se que foram a Alfama e a Mouraria que deram a nota mais movimentada, por suas artelazinhas serem mais concentradas.

Do júri, que trabalhou—e bem se escafeu—de manhã e parte da tarde, faziam parte o dr. Jaime Lopes Dias, director dos Serviços Centrais da Câmara e etnógrafo, dr. Cordeiro Pinto, vereador, sr. Luís Chaves e Norberto do Araujo, etnógrafos, Gustavo de Matos Sequeira, pelos «Amigos de Lisboa», e António Penedo Abreu, da Federação das Sociedades de Recreio. Acompanharam o júri a sr.^a D. Julieta Ferrão, conservadora do Museu Calveiras, e o sr. Angelo Fernandes, como secretário.

Eram 63 os pequeninos concorrentes, e tantos foram os tronos analisados.

Pareciam presépios ou «oradões» antoninas as várias ruas dos bairros, salpicadas aqui e ali de um trono, orgulho das mães dos miúdos; as ruas da Regueira, dos Remédios, do Vigário, do Salvador, as Escolas Gerais, as calçadas de S. João da Praça, do Castelo Picão, de S. Vicente, os becos do Surra, da Lapa, de Santa Helena, a Calçadilha de S. Miguel; as ruas do Benfamoso, da Amendoeira, da Mou-

zaria, do Arco da Graça, a Calçada do Jogo da Pêla, o Beco do Jasmim; as ruas da Rosa, da Atalaia, de S. Boaventura, do Norte, da Barroca, as travessas da Boa Hora e dos Filhos de Deus; as ruas das Madres, do Machadoinho, de Vicente Borge, do Meio, de S. Domingos, de Santos-o-Velho, as travessas de Santos, do Machadoinho, das Isabéis—tudo Madragoa.

A inventiva popular desentranha-se de originalidade e louçania. Aqui, o trono a rigor, de sentido litúrgico, como há 50 anos, com as imagens, os castiçais, as lampodas; ali, a composição de presépio, com muitos adereços, o Santo Antoninho rodeado de flores; mais além o trono «afogado» entre flores, com outros santinhos, arbustos e fundos de capelinha; noutra sítio um trono adorável de ingenuidade, de pitoresco, sem grandezas, quase humilde, muito composto, não lhe faltando cravos e rosas, e manjericoes, como em toões.

Cada bairro teve o seu capricho próprio, e em todos eles aparece um ou outro trono de destaque.

Notavam-se imagens de Santo António com carácter de boa cerâmica barista, outras em madeira antiga.

E também apareceram S. João e S. Pedro. Um dos tronos mostrava, ao lado—um montão de pequenas bilhas rachadas.

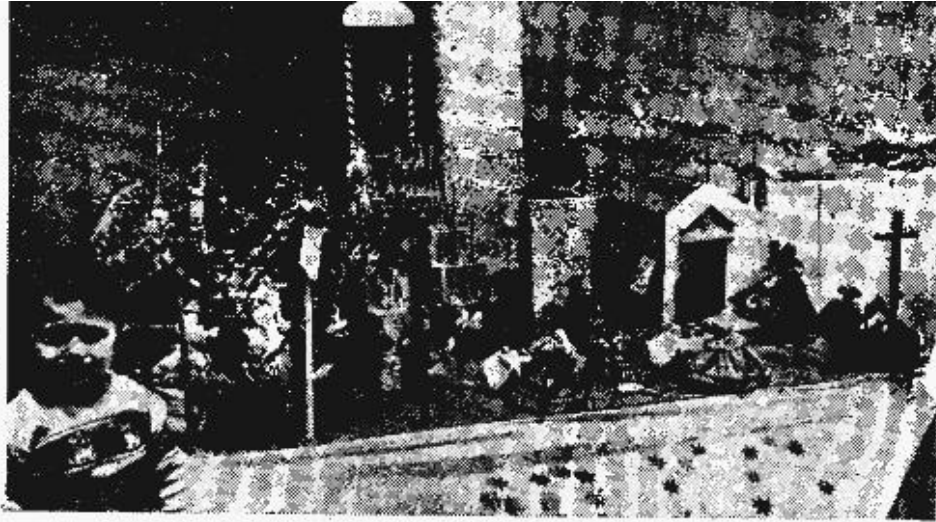
O júri vê-se em dificuldade para atribuir os prémios, e parece (o regulamento a tanto autoriza) que não será atribuído o 1.^o prémio, de 800\$000, pois não se encontrou um trono que suficientemente se destacasse dos outros. A ser assim, a importância do 1.^o prémio será dividida em mais 16 prémios pequenos, mantendo-se prémios de 400, 200 e 100 escudos.

Quem foi o menino ou menina que melhor se classificou com o seu trono não o sabemos ainda, nem talvez o júri.

Uma imagem de Santo António— no quartel de Caçadores 5

O dia de Santo António foi comemorado, no batalhão de Caçadores 5, com a bênção, pelo sr. cardeal-patriarca, duma imagem do popular tumulurgo, destinada à capela privada da unidade, e adquirida pela «Obra do Soldado».

A cerimónia, assistiram, além do sr. D. Manuel Cerejeira que era acompanhado pelos cônegos sr. Nunes Ferreira e Damaseno Flandro e por monsenhor Honório Monteiro, mestre de cerimónias, os sr. general D. Miguel Pereira Coutinho, governador militar de Lisboa; tenente-coronel António Augusto de Sousa, chefe do estado-maior do G. M. L.; coronel Estevão de Carvalhais, do protocolo do Ministério da Guerra; tenente-coronel Gordon, adido militar britânico; major Ribeiro Casais,



Uma alegre romaria a Santo António, em São Vicente da Beira

100 tronos de Santo António enfeitaram hoje os bairros típicos de Lisboa

Os santinhos populares puseram os bairros de Lisboa numa alegre excitação. Já não são apenas as marchas-mas, também, os arraiáis, com festões de papel colorido, halôezinhos e charangas. E são também os tronos, poéticos e ingénuos, coisa de graça que o povo estava a esquecer-se de armar às portas e janelas e que a Câmara Municipal começou a acarinhar o ano passado. Este ano, voltou a dar o seu aplauso aos pequenos concorrentes—á volta de uma centena deles—tronos lindos, decorativos, muito ingénuos como as mãos que os modelaram, embora nem todos cem por cento filiados na ideia que inspirou o concurso.

Logo cedo, pela manhã, os srs. drs. Jaime Lopes Dias, Mário de Albuquerque e Luís Chaves, D. Julieta Ferrão, o nosso distinto camarada na Imprensa Matos Sequeira e Penedo do Abreu, da Sociedade de Recreios, andaram do bairro em bairro, a visitar as ruas típicas de Alfama, Bairro Alto, Mouraria, a Madragoa, aqui ouvindo e vendo, ali tomando notas.

O jornalista andou por lá, aqui descortinando, ás portas da Rua do Capelão, uma «Severa» rezando aos pés do santo taumaturgo; ali, na Calçadinha de S. Miguel, vendo as moças á volta da bica e chorando as bilhas quebradas; nas Escadinhas de S. Tomé, subindo «ao castelo», com as ameias e as peças de artilharia, o Santo prega aos peixes ao lado de uma miniatura do altar da igreja de Santo António da Sé.

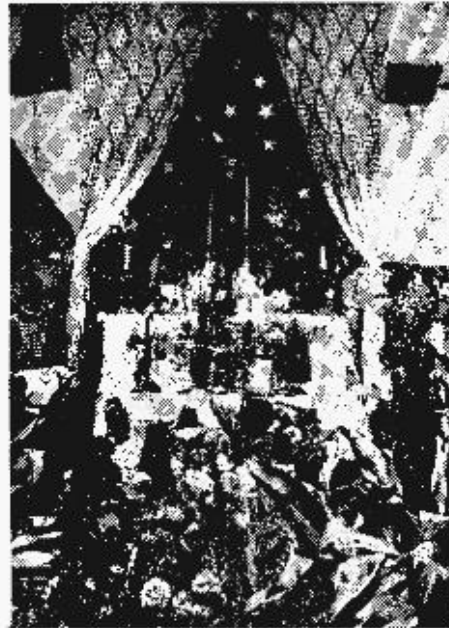
No caminho, um reinadio indica-nos as escadinhas do Jogo da Pela que ficam sobranceiras a Martim Moniz:

—Ali nas «Escadinhas do Piolho» é que aquilo é giro!.

E, de facto, se não é tipicamente um trono, á moda de Lisboa, é pelo menos «giro»: uma romaria em S. Vicente da Beira, com osromeiros vestidos á maneira da região, tudo articulado, feito por um torneiro paciente e a família inteira, durante quatro meses de canseiras.

Nos Fieis de Deus, no Bairro Alto, na Calçada do Jogo da Pela, nas ruas da Atalaia e da Rosa, também no Bairro Alto, em Santos-o-Velho, no Beco da Zurra, por todas essas vielas estreitas, contorcidas, apinhadas de gente que gesticula e ri—os tronos aguardam no seu simbolismo, que lhes digem quanto valem em carinho, originalidade e perfeição as mãos que os modelaram e o gosto que os inspiraram.

O júri, porém, só esta tarde, por volta das cinco horas, se reúne e amanhã, pela manhã, logo a novidade há-de alegrar uns e entristecer os outros...



Um dos tronos mais típicos é este, da Calçadinha de S. Miguel, não lhe faltando sequer o chafariz



Uma «Severa» rezando no trono da Rua do Jasmim, segundo a idealizou outro, José Luís dos Santos

Diario de Lisboa

A Cidade

NO PARQUE MAYER

O RANCHO DE ALFAMA RECONSTITUI

esta noite, á vista do publico
um bailarico antigo, com fado e canções



A noite de Santo António é a grande noite dos folguedos populares de Lisboa. Ainda maio vem em meados e já pelas ruas a petizada levanta os seus tronozitos ingenuos, e pede os «cinco reisinhos» num habito que ficou do tempo em que as crianças de Lisboa autenticamente pediam para a reconstrução do templo de Santo António que o terramoto incendiára.

O alvoroço começa com os petizes. Depois pelos bairros erguem-se as ornamentações. Os bailaricos de Santo António são tradicionais.

Antigamente nos bairros pitorescos, principalmente na Alfama, os bailaricos tinham caracter.

Esta noite reconstitui-se no Parque Mayer, sem caracter de especulação, porque os preços de entrada no Par-

que são os normais, um rancho de Alfama, e reconstitui-se, mercê do capricho da gente local, o bailarico do seculo XIX.

Gente da Alfama, cerca de 50 figuras, operarios, gente do mar, raparigas das fabricas, acompanhados do sol-e-dó característico—as flautas, o harmonio, a viola, a guitarra, a bandoleta—vão em passeio ao Parque, onde se exibem no coroto, em pleno ar livre, para diversão do publico, e depois no alto terraço do Capitólio.

Na sua indumentaria rigorosa, vestias do fim do seculo passado, cantam e dansam: ver-se-á a velha polca, a tipica mazurca, a dolente valsa a três tempos—tudo curioso e saudoso para muita gente—o fandango ribatejano, os cantares populares, e, para se reconstituir a rigor, simular-se-á o inevitavel «Pé de vento», a zaragata após uma provocação, que acabava em bem, após meia hora de balburdia.

Seguir-se-á o fado local da velha Alfama, o fado dos fadistas (não confundir com faquistas), que será interpretado pela sr.^a Maria do Carmo Torres, e pelo sr. Abel Zambujo, um dos organizadores do Rancho da Alfama.

*Alfama, bairro tão pobre
de juias e marinhetros;
és a bandeira mais nobre
dos fadistas verdadeiros.*

Na noite lisboeta de Santo António esta reconstituição merece pôr-se em relevo, e constituirá uma atracção do publico.

TRADIÇÕES ALFACINHAS

Desapareceram os arraiais dos bairros

e com eles o pitoresco popular da noite de Santo Antonio

No tempo em que eu era rapaz, o Santo Antonio em Lisboa era a vespera de Santo Antonio nas ruas, por esses bairros todos de portas a portas.

Como nasci em Lisboa—e já lá vão quasi 70 anos—não precisei de me adaptar à vida bairrista, que é o que sucede aos que da provincia descem à capital tentar a vida, e por cá ficam, e se tornam alfacinhas à força de tempo e pela influencia dos costumes.

No tempo em que eu era rapaz—os que não eram de Lisboa iam bailar os seus bailes de roda para o Rossio, que era como se fosse um grande largo da feira da terrinha natal: harmonicos e descantes—afinal de S. João, porque Santo Antonio é de Lisboa.

E tudo se passava nos bairros, que já desde a «Espiga» andavam em comissões de «velhos Silvas» a tratar de angariar placas de prata pelos comerciantes e patacos grossos e depois tostões de níquel pelos «fabricantes das fabricas» e operarios das oficinas.

Os arraiais iam de ponta a ponta do sitio, e as ruas ligavam-se umas às outras no estendal enfeitado, um coreto alto de três em três esquinas. Em verdade, o Santo Antonio começava no primeiro sábado do mês e acabava—em S. Pedro.

Havia a praça da Figueira—do senhor D. Antonio de Melo, que ainda existe, graças a Deus, e de seu pai a tomou—e a praça da Figueira era publica. E os patios, os duzentos patios de Lisboa, engrinaldavam-se de festões, tudo recortado ingenuamente em papel de seda, com bandeirinhas que faziam fru-fru ao vento, e eram encarnadas e chegavam brancas ao S. Pedro, lavadas por dois luas.

Isto ha mais de meio século: ora se ha!

E ha vinte anos, já na Republica—que não deu cabo do Santo Antonio—e ha dez e ha cinco anos ainda, os arraiais nas ruas, nos largos, nos bicos, nas travessas dos bairros, viviam na força da tradição, com a grande nota pitoresca alfacinha de todo o ano, de Belem ao Beato.

Já eu começava a ser velho, com sessenta Santo Antonios bem acomodados na retina, ai por 1933 e 34, e ainda Santo Antonio era o santo popular, numa nuvem de adereços e de bizarras, que seria um nunca acabar: bailaricos de toda a sorte, polcas e depois marchas, copradas de um tronco de madeira, pratinhos de arroz doce às soleiras das portas, balões a correrem o arraial e não chegavam ao fim acesos, naciões de verdura, tendas de refrescos e de comes-e-bebes improvisados, mais gente nas ruas do que nas tabernas, pares que começavam a dansar no Castelo Picão e acabavam no Quelhas, em S. João da Praça e acabavam na rua do Vigarrio, na rua do Capelão e acabavam em Santa Marinha, na rua do Norte e davam volta à Atalaia toda, na Trabuçeta e desf-lavam derreados na Fonte Santa.

Isto acontecia ainda quando os que são rapazes ainda, eram rapazinhas.

* * *

Ora isto já não é assim. E faço a minha respeitosa representação ao sr. presidente do Senado Municipal, no sentido de providenciar, em defesa das tradições exteriores do Santo confiado à sua Casa e guarda.

Arranquei com minhas trópicas pernas do meu bairro da Bemposta até à «cidade», dei as mãos a dois notos, que tomaram já o jeito de não ter sono na vespera de Santo Antonio e fui ver a vespera de Santo Antonio, como se fosse de ha quatro anos.

Não na encontrei, senão nos arredores da praça da Figueira. O «americano» levou-me à Sé, Corri a Alfama toda. Já lo descoroçoado de topar um arraial, e já não sabia que dizer aos dois miúdos que me não deixavam: «avó, onde está a vespera de Santo Antonio», quando cheguei a Santo Estevão, e encontrei um arraial na rua Guilherme Braga—um arraial anima-

dote, com cinquenta metros de extensão, e ainda de Santo Antonio, enxertado do fim do mês transacto. Andei pelo Salvador, S. Rafael, S. Miguel, Regueira, Chafariz de Dentro—e nada. So as tabernas à cunha.

Na rua dos Remedios encontramos um arraialito no Beco da Lapa ou dos Ramos. Coisa de presépio.

Subi a S. Vicente, à Graça, a Santo André. Gente nas tascas a ouvir telefonia a discutir a bula. Mas ouvi musica de uma valsa lenta: era no largo de Santa Marinha: o terceiro arraial após uma hora de descobrimentos.

Escolas Gerais outra vez. Castelo, Limoeiro—e nada!

Tomel outro «americano». «Ora vamos, rapazes, ao Bairro Alto».

E fomos: nada! Nem um baião, uma grinalda, um assobio. O Bairro Alto arrasado de solidão: parecia a rua do Ouro ao domingo a noite.

Na Bica um bailarico na travessa do Cabral; na calcada do Combro, no patio ligado aos Paulistas, uma função paga de fados. E por ali fora—«ai, avó, já me doi as pernas»—até à Esperança—na esperança de achar a vespera alfacinha de Santo Antonio.

No caminho, nada: tabernas à cunha. Enfim a Madragoa: um arraial luzido, vistoso, musical, na rua das Madres. Só nesta rua: o resto da Madragoa para a Lapa e Mocambo, para o Machadinho e Quelhas—nada!

Toda a cidade bairrista envolta em tristeza, quebrada, como em focos isolados de alegria teimosa, aqui e ali.

Alcantara, Junqueira, Fonte Santa—silencio e penumbra. As tabernas cheias, e nas «grafonias» da T. S. F. com as notas de carnaval teatral e imprevidente.

Bem. A caminho de casa—vamos pela Mouraria.

O Mouraria que te quero vér! Nada! Nem Capelão, nem Amendoeira, nem Coleginho, nem João do Outeiro, nem Lagares.

O Arco cabeceava encostado ao cunhal do Alegrete, e pelos Alamos as bafuradas de azeite requemado.

Voltei à Bemposta. E desculpei-me diante dos netos dizendo que «Santo Antonio está doente».

* * *

Ora a que attribuir isto? Eu digo.

No tempo em que eu, e mesmo os senhores, eramos rapazes—arranjava-se uma comissão em cada rua, pedisse a licença baratinha ao Governo Civil, e pronto—arraial de pé, quasi sempre com a dança empenhada, mas com alegria que chegava para todo o ano.

Mas agora não; é prohibido. Ouvi que o sr. governador civil era de opinião que deixassem o povo fazer os arraiais que quisesse. Mas que foi vencido por algumas razões, e entre ellas a defesa dos Festejos na Praça da Figueira, que têm caracter beneficente.

E assim, os festejos locais bairristas—sete ou oito em toda a cidade; para duzentos do meu tempo—apenas são consentidos sob a responsabilidade das Juntas de Freguesia.

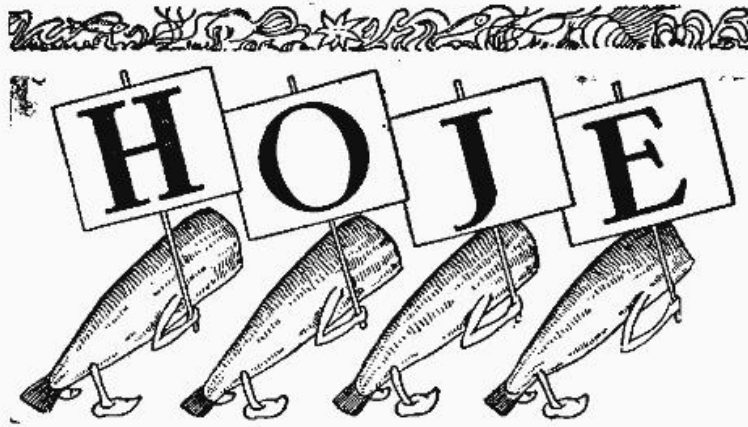
Os meus dois netos não me presumtam, porque já estão a dormir—o que é que tem que vér «uma cousa com a outra». A alegria dirigida—e anti-tradicional.

Mouraria, Alcantara, Alfama, Bairro Alto, Madragoa—sacrificadas à Praça da Figueira, é uma afronta à Praça da Figueira, que ha 80 anos faz o Santo Antonio sem se intrometer com Santo Estevão, e S. João da Praça, e Santo André e S. Roque.

E resolvi, pois, representar ao sr. presidente do Senado da Camara, em nome da «Casa dos Vinte e Quatro», os 24 mestrais de officio representantes de 24.000 alfacinhas que encontravam certa ternura confortante, certo pitoresco incoente, certo tradicionalismo indispensavel, e um certo gosto português—na vespera bairrista de Santo Antonio de Lisboa.

No tempo em que eu era rapaz... No tempo em que o sr. tenente-coronel Lobo da Costa e o sr. engenheiro Duarte Pacheco eram rapazinhas...

O VELHO SILVA



na Feira do Terreiro do Paço
CONTINUA A DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DE
★ SARDINHAS DE CONSERVA

Pobres e ricos todos podem saborear, de graça, este prato delicioso, de requintado gosto, de paladar grato e suave.

Alimento económico, higiénico, saudável, completo.

Repare na especial sardinha sem pele nem espinha, própria para "Sandwichs" e outros acepipes.

Esta distribuição é gentilmente oferecida pelas Fábricas de Conservas.

De quinze em quinze minutos será afixada, bem à vista, a marca de Sardinha de Conserva que naquele quarto de hora se distribue, no stand do "Consórcio Português de Conservas de Peixe".

! Bom apetite!





O ministro Schumann durante o jantar de ontem

SARDINHAS ASSADAS E FEBRAS DE PORCO

— jantar de Schumann

Pratos tipicamente portugueses constituíram, ontem, a ementa do jantar íntimo oferecido pelo embaixador francês em Lisboa ao seu ministro dos Negócios Estrangeiros, no restaurante «Varanda do Chanceler», sobre os telhados de Alfama.

Participaram no jantar quatro dezenas de personalidades, entre as quais o chefe do Protocolo do Estado, dr. Leonardo de Macedo, o embaixador de Portugal em Paris, dr. Marcello Mathias e esposa, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian e a sr.^a de Azeredo Perdigão, além dos elementos da comitiva do ministro francês.

Musica regional portu-

guesa alternada com números interpretados por artistas franceses foi o pano de fundo musical do jantar, que começou com um copo de ginjinha, queijinhos frescos, azetomas verdes e pretas, manteiga e pão escuro. Caldo verde com broa e chouriço, sardinha assada com batatas cozidas com casca, salada de alface, tomate, pepino e cebola, e febras de porco com arroz branco e esparregado constituíram os pratos fortes da refeição, que incluiu ainda leite creme, ananaz ao natural, café e bagaço. O vinho era tinto, servido em jarros de tasca. Enfim, um jantar tipicamente português — á maneira de Alfama.

Fotografias



José Chaves Cruz, 1895. *Batalha de Flores.*

A rainha Dona Amélia no cortejo de celebração do VII Centenário do nascimento de Santo António.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico. PT/AMLSB/CRU/000328



José Chaves Cruz, 1895. *Batalha de Flores*.

Carro alegórico do cortejo de celebração do VII Centenário do nascimento de Santo António.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/CRU/000336



José Chaves Cruz, 1895. *Batalha de Flores*.

Carro alegórico do cortejo de celebração do VII Centenário do nascimento de Santo António.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/CRU/000339



Joshua Benoliel, 1912. Cortejo de Santo António.

O olhar crítico que a 1ª república tinha sobre a Igreja levava esta a incluir nos seus cortejos religiosos elementos profanos. Na imagem, símbolos da fertilidade e das boas colheitas.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/JBN/001072



Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/FAN/001805



Autor desconhecido, 1930. Festas de Santo António.

Durante o Estado Novo as celebrações religiosas regressaram em força, como um dos pilares do Estado: “Deus, Pátria, Autoridade Família e Trabalho”

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/EFC/000781



Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/SER/S04049



Pinheiro Correia, 1934. Festas de Santo António no Terreiro do Paço-
Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/PIC/000020



Autor desconhecido, 1950. Festas da Cidade
Inauguração pelo Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Luis Pastor de Macedo, do recinto das festas na
Praça da Figueira
Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/PEL/005/S00494



Autor desconhecido, 1950. Festas da Cidade

Recinto da Praça da Figueira.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/PEL/005/S00497



Autor desconhecido, 1950. Festas da Cidade

Recinto da Praça da Figueira à noite.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/PEL/005/S00497



Judah Benoliel, 1950. *Júri do Concurso dos Tronos de Santo António.*
Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/JBN/003913



Judah Benoliel, 1951. *Trono de Santo António – 1º Prémio.*
Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/JBN/004072

Rui Pinto de Almeida



Joshua Beniel, 1920. *Crianças*.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/JBN/001188



Carlos Gil, 1960, *Crianças*

A pobreza daqueles que viviam em zonas degradadas e “de pé descalço”, sem qualquer rendimento, só começou a ser combatida com a criação do Estado Social, já em período democrático.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/CAR/000014



**Autor desconhecido, cerca de 1965. *Sardinhada nos Santos Populares*
Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/PEL/005/S03616**



**Autor desconhecido, cerca de 1965. *Sardinhada nos Santos Populares*
Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/PEL/005/S03623**



**Autor desconhecido, 1973 Santos Populares no Largo da Graça.
Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/PEL/005/S03604**



Autor desconhecido, 1973 Santos Populares no Largo da Graça.

Apesar dos festejos, da alegria e da descontração, paira sobre a sociedade portuguesa o espectro da morte: a Guerra de África que mobilizara até este ano mais de 1 milhão de jovens, causara mais de 7.500 mortos e 20.000 estropiados.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/PEL/005/S03604



Luis Pavão, 2000. Arraial em Alfama.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/LUP/000325



Luis Pavão, 2000. Arraial em Alfama.

Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico - PT/AMLSB/LUP/000325



**Autor desconhecido, 2011. Largo do Salvador durante as Festas de Lisboa.
Fonte:**



**Artur Leitão Bárcia, cerca de 1900. Largo do Salvador em Alfama.
Fonte: Arquivo Municipal Fotográfico**



SARDINHA Compreendi-te
Delfim Carvalho Ruas Mista Portugal/portuguesa



SARDINHA Vendedor de Mines
Rui Menezes Fazenda desenho Portugal/portuguesa



SARDINHA Pescador
Martin Jarrie Pintura França/francesa



SARDINHA Santo António do Fogareiro
Alberto de Oliveira Faria Digital Portugal/portuguesa